

MOBILIZAÇÃO DOS ALUNOS NA CONSTRUÇÃO DO SEU PRÓPRIO CONHECIMENTO

Isabel Maria da Silva Brás

Relatório da P.E.S.

**Mestrado em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo
do Ensino Básico e no Ensino Secundário ou de Língua Estrangeira
nos Ensinos Básicos e Secundário – Português e Espanhol**

JUNHO DE 2010



Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário ou de Língua Estrangeira nos Ensinos Básicos e Secundário – Português e Espanhol, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Fernanda Miranda Menéndez, Professora Auxiliar do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e do Professor Doutor Gustavo Rubim, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

DECLARAÇÃO

Declaro que este Relatório é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O Candidato,

Lisboa, de de

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O Orientador,

Lisboa, ... de de

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

A Orientadora,

Lisboa, ... de de ...

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus orientadores da Escola Secundária Quinta do Marquês, à Professora Manuela Furtado e ao Professor Carlos Lopes por terem contribuído para o enriquecimento da minha formação científica e me terem proporcionado um estágio tão gratificante.

Aos meus orientadores da faculdade, pela disponibilidade e pela valiosa contribuição que deram ao meu trabalho.

À minha família pelo apoio e pela força que me deram. Principalmente aos meus filhos e ao meu marido pelo carinho e paciência que tiveram ao longo deste ano.

Agradeço ainda à minha colega Juliana Ferreira, com quem partilhei todos os momentos deste percurso, pelo companheirismo e pela franca amizade demonstrada.

RESUMO

ABSTRACT

MOBILIZAÇÃO DOS ALUNOS NA CONSTRUÇÃO DO SEU PRÓPRIO

CONHECIMENTO

THE STUDENTS' MOBILIZATION FOR THE BUILDING OF THEIR OWN

KNOWLEDGE

ISABEL MARIA DA SILVA BRÁS

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento, motivação, mobilização.

KEYWORDS: Knowledge, motivation, mobilization.

Este relatório apresenta uma reflexão crítica da minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.) na Escola Secundária Quinta do Marquês, em Oeiras, no ano lectivo de 2009/2010 e reflecte ainda a observação de aulas ao 11º ano de Português e ao 7º ano de Espanhol.

Como tema de investigação escolhi *A Mobilização dos Alunos na Construção do seu Próprio Conhecimento*, tendo presente que as estratégias de motivação são essenciais para a mobilização dos alunos no contexto da sala de aula. São apresentadas várias das estratégias utilizadas, que me levaram a reflectir nas vantagens de diversificar os métodos de motivação dos alunos, e na necessidade de saber utilizar os modernos instrumentos actualmente ao dispor do professor.

This report displays a critical reflection on my Supervised Teaching Practice (P.E.S.) at Escola Secundária Quinta do Marquês, in Oeiras, during the current scholar year 2009 / 2010, and also reflects my class observation on Portuguese (11th grade) and on Spanish (7th grade).

I've chosen *The Students' Mobilization for the Building of their own Knowledge* as a research subject, having in mind that motivation strategies are crucial for the full participation of students in the classroom context. I display several of those strategies I used and that made me think on the advantages of multiply the methods for the motivation of students, as well as on the need of a competent use of the modern instruments available nowadays for teaching practice.

Índice

Introdução	8
Capítulo I: Caracterização da Escola Secundária Quinta do Marquês	9
I.1. Enquadramento da Escola no Meio	9
I.2. Infra-estruturas	9
I.3. Projectos e actividades	11
I.4. Corpo docente e não docente	13
I.5. Oferta curricular	13
I.6. Os alunos	14
I.7. Associação de Estudantes	14
I.8. Projecto Educativo	15
I. 9. Reuniões do conselho de turma	16
Capítulo II: Prática de Ensino Supervisionada em Português	16
II. 1. Caracterização da Turma 11º B de Português	16
II.2. Aulas observadas de Português	17
II.2.1. O blogue “Palavras por Dizer”: outra estratégia do orientador ...	20
II.3. A minha prática de Português: <i>Frei Luís de Sousa</i>	22
II.4. O meu Projecto (I): conclusão de contos	25
II.5. O Meu Projecto (II): leitura de imagens	26
II.6 Estratégias de Mobilização (Português)	28
Capítulo III: Prática de Ensino supervisionada em Espanhol	30
III. 1. Caracterização da Turma 7º D de Espanhol	30
III. 2. Aulas observadas de Espanhol	31
III.3. A minha Prática de Espanhol	34

III.4. Estratégias de mobilização (Espanhol)	40
III.5. Estratégias de Motivação nas aulas de Espanhol	43
III.5.1. O uso das TIC na sala de aula	43
Capítulo IV : Avaliação	44
IV.1. Avaliação do 11º B de Português	44
IV.2. Avaliação do 7º D de Espanhol	46
Capítulo V: Mobilização dos alunos na construção do seu próprio conhecimento.....	48
As minhas reflexões	52
Bibliografia	56
Anexos	58

Introdução

Ao longo do meu trabalho, apresento um relato o mais rigoroso possível, quer das observações¹ efectuadas, quer da minha prática pedagógica, na escola Secundária Quinta do Marquês, desenvolvendo uma reflexão crítica sobre a minha perspectiva da prática docente.

Apresento algumas estratégias de motivação, que alertam para a importância e vantagem de aprender línguas, fundamentais para uma construção sólida de todo o processo de aprendizagem.

Com o tema que escolhi, *A mobilização dos alunos na construção do seu próprio conhecimento*, pretendo desenvolver algumas estratégias de actuação em sala de aula, promovendo deste modo a criatividade e a autonomia dos alunos na construção do seu próprio saber. Valorizando e responsabilizando os alunos para uma aprendizagem mais autónoma e livre, sem nunca descurar a responsabilidade do professor como elemento essencial de suporte e orientação das escolhas que o aluno fizer, ajudando assim o aluno a caminhar pelos seus próprios meios.

¹ Os parâmetros de observação encontram-se no anexo 1, p. 59-60.

Capítulo I - Caracterização da Escola Secundária Quinta do Marquês

I. 1. Enquadramento da Escola no Meio

A Escola Secundária Quinta do Marquês foi criada pela Portaria nº 587/93, de 11 de Junho. Situa-se em Oeiras, distrito de Lisboa.

Inserida numa zona residencial calma, agradável e com muitos espaços verdes, a escola dá resposta a uma população exigente com uma taxa de formação das mais elevadas do país. Os pais e encarregados de educação possuem na sua maioria cursos médios e superiores, o que se traduz no investimento que cada aluno faz na sua própria educação.

De acordo com o Regulamento Interno, “O símbolo da escola, encontrado por concurso proposto aos alunos, representa a esfinge do Marquês de Pombal cujo nome e local de residência designou a nossa escola.²”

A escola tem como lema “pelo sonho é que vamos”, título de um livro de Sebastião da Gama, promovendo deste modo a ideia de que devemos acreditar que somos capazes de atingir os nossos objectivos, orientando os alunos na reflexão do percurso que vão fazer, tendo sempre presente que as dúvidas e as incertezas fazem parte do seu processo de aprendizagem. Aferindo a ideia de que o importante é sonhar e acreditar naquilo que sonhamos, constrói-se o caminho para atingir as metas a que nos propomos.

I. 2. Infra-estruturas

A escola³ é composta por três pavilhões onde se situam as salas de aula e, entre outros espaços de aprendizagem e desenvolvimento curricular, a Biblioteca Escolar e o Centro de Recursos Educativos. Estes locais merecem muito mais do que a simples descrição do seu espaço, pela elevada importância dos recursos que oferecem, que é, a meu ver, fundamental para o ensino e para as aprendizagens.

A biblioteca da escola é palco de sucessivos encontros de promoção de estudo, de leitura e de actividades culturais, que contribuem para o enriquecimento curricular dos alunos. Nas várias vezes que me desloquei à biblioteca e ao centro de recursos pude

² Regulamento Interno da Escola Secundária Quinta do Marquês 2009/2010. (Citei literalmente o texto do regulamento incluindo o erro, deveria ser efígie em vez de esfinge.)

³ Imagens da escola no anexo 2, p. 61.

sempre constatar a elevada afluência de alunos a este espaço, quer para usar os computadores de que esta dispõe, para estudar sozinhos ou em grupo, para consultar livros ou revistas, quer para visualizar filmes que estão disponíveis neste Centro e que foram devidamente seleccionados pelos docentes para as mais diversas áreas educativas. A biblioteca dispõe de uma vasta gama de obras literárias de referência, livros didácticos, materiais audiovisuais, revistas e jornais actualizados, sempre com a preocupação de enriquecer a formação dos alunos, possibilitando-lhes mais conhecimentos. Está inserida na Rede de Bibliotecas Escolares, de modo a desenvolver a prática da leitura como fonte de aprendizagem e de enriquecimento linguístico. É por excelência o cenário adequado para apresentar figuras ilustres como escritores, poetas, jornalistas, actores e outros convidados, sendo esta prática bastante apreciada no meio escolar.

A *Semana da Leitura* é uma das actividades que reúne um maior número de alunos neste espaço, onde é possível assistir a leituras expressivas e a pequenas encenações preparadas pelos alunos nas áreas curriculares de línguas, sempre com a finalidade de transformar uma simples leitura em momentos agradáveis.

Mais do que um espaço agradável e acolhedor, a biblioteca é um espaço de saudável convívio usado regularmente por docentes e discentes.

A sala de professores é um espaço de lazer e trabalho onde os docentes se reúnem não só para trabalhar mas para socializar com os seus pares.

Actualmente, a escola disponibiliza dois bares, um para alunos com sala de convívio e outro para docentes inserido na sala de professores. Partilha o refeitório e o pavilhão desportivo com a Escola Conde de Oeiras. A partir do final deste ano lectivo, será abrangida pela requalificação do parque escolar, o que possibilitará a melhoria das suas condições com a construção de um pavilhão gimnodesportivo e de um refeitório com cozinha.

I. 3. Projectos e actividades

Pude verificar que a escola tem uma política educativa bem definida. Ao longo de todo o ano lectivo procurou proporcionar várias actividades e desenvolver inúmeros projectos que enriquecem e favorecem o meio escolar.

A *Semana das Interculturas* é o culminar do esforço e do empenho dos Departamentos Curriculares da qual resulta o envolvimento de toda a comunidade escolar. É notável a subtil e saudável competição entre diferentes Departamentos, procurando ser o mais atractivo na exposição das suas actividades, sem nunca descurar todo o processo de ensino e aprendizagem que suporta a sua elaboração. Foram várias as iniciativas desenvolvidas nesta semana, procurando sempre envolver o maior número de actividades culturais, projectando a escola junto da comunidade, através de exposições, de trabalhos, dramatizações, actividades de experimentação, laboratórios abertos, concursos e torneios desportivos. Deste modo, divulgou outras culturas e saberes dando assim a conhecer novas perspectivas e alargando os horizontes culturais a toda a comunidade educativa.

Na minha opinião, o professor estagiário deve ser dinâmico, deve envolver-se e participar activamente nos projectos e actividades da escola, de modo a sentir-se parte dela. A minha colaboração na *Semana das Interculturas* foi, em conjunto com a minha colega de estágio, a organização de uma exposição no âmbito da disciplina de Espanhol. O objectivo era dar a conhecer, não só aos alunos de Espanhol, como a toda a comunidade escolar, a dimensão desta língua no mundo. Deste modo, destacámos todos os países cuja língua oficial é o Espanhol, dando a conhecer alguns aspectos da sua história, cultura, demografia e localização geográfica. Procurámos “desconstruir” a ideia de que o Espanhol é demasiado fácil devido à sua semelhança fonética com o Português e, para tal, expusemos uma lista de vocabulário com “falsos amigos”, ou seja, palavras com semelhanças gráficas ou fonéticas que podem levar o aluno a uma interpretação equivocada de acordo com o significado da palavra na sua própria língua. Sobre este aspecto, destaco a reacção de surpresa de alguns alunos ao constatarem que afinal são essas semelhanças linguísticas que tornam a aprendizagem desta língua mais difícil.

Colaborei ainda com a professora Manuela Furtado, responsável pela disciplina de Espanhol, no ensaio de duas peças de teatro intituladas: *Manuela en el Museo* e *¿Azúcar ó Veneno?* Os encontros para os ensaios tinham lugar todas as quartas e sextas

à tarde, dias em que os alunos não tinham aulas. Apesar da insegurança e da ansiedade, normais em alunos de iniciação de uma língua estrangeira, e da necessidade de repetir várias vezes os diálogos até se aproximarem do pretendido, as referidas peças foram bem interpretadas e o desempenho dos alunos foi visto e aplaudido por todos os presentes.

Outra das iniciativas que desenvolvemos tinha como principal objectivo promover e divulgar a literatura na escola. Para tal, convidámos o Professor Nuno Júdice, que aceitou de imediato o nosso convite e se disponibilizou para abordar a relação entre a poesia e a imagem. O tema por ele escolhido mobilizou os alunos a colocarem várias questões ao escritor, acabando por exceder o tempo previsto para esta agradável conversa. A iniciativa teve lugar na biblioteca e o espaço tornou-se pequeno devido à forte afluência quer de alunos, quer de professores, o que demonstra que a literatura está presente nesta comunidade educativa.

A escola teve sempre a preocupação de ajudar os seus alunos a ocupar os tempos livres. Para tal, criou uma vasta oferta de clubes e procurou agradar ao maior número possível de alunos, indo ao encontro dos seus interesses e preferências. A título de exemplo, refiro apenas aqueles que tiveram maior procura, como o *Clube da Leitura Expressiva*, que se preocupou em despertar nos alunos o gosto pela leitura e desenvolver competências do domínio expressivo, ou o *Clube das TIC*, que procurou ajudar e esclarecer os alunos nos vários domínios tecnológicos. Saliento ainda o *Clube de Expressão Plástica*, que permitiu a reprodução de peças feitas em vidro, gesso, argila, madeira, papel, sempre com o objectivo de permitir a criação livre e autónoma, através da utilização de diversos materiais e técnicas de escultura e pintura, bem como o *Clube do Património*, que teve como principal objectivo divulgar e promover o vasto património cultural do concelho de Oeiras. Por último, destaco o *Clube das Línguas*, que pretendeu, para além de promover o gosto pelas várias línguas que a escola oferece, permitir o desenvolvimento de competências linguísticas e culturais.

A escola dispõe ainda de um laboratório de fotografia, que proporciona aos alunos a aprendizagem de técnicas de tratamento de imagem e impressão. Com a ajuda dos professores responsáveis pelo laboratório, os alunos são incentivados a criar e expor os seus trabalhos, divulgando deste modo uma faceta artística e um talento que a escola para além de apoiar procura incentivar.

I. 4. Corpo docente e não docente

A escola integra cento e onze docentes, dividindo-se em dois grandes grupos: os contratados e os do quadro, que são a grande maioria, cerca de 80% do corpo docente da escola. É ainda apoiada por quarenta auxiliares da acção educativa, que suportam as diversas valências da actividade escolar.

Uma das prioridades da escola é a formação dos seus funcionários: quer do pessoal docente, quer do pessoal não docente, de modo a aperfeiçoar e actualizar as várias vertentes educativas. Ao longo do ano lectivo, a escola proporcionou várias acções de formação dirigidas aos diversos grupos disciplinares a fim de promover e incentivar a sua formação profissional. Com a preocupação de responder às suas necessidades e interesses, disponibilizou todos os meios necessários ao bom funcionamento da formação educativa. A valorização, quer da qualidade, quer do bom desempenho docente é, a meu ver, essencial para uma boa integração e sucesso no âmbito escolar.

A formação do pessoal não docente foi também uma das grandes preocupações da direcção da escola, uma vez que é fundamental uma formação adequada que enriqueça e valorize todo o processo formativo dos seus funcionários. Por outro lado, estes sentem-se motivados a participar nas acções de formação que a escola disponibiliza, actualizando e enriquecendo os seus conhecimentos, acrescido das vantagens profissionais que daí podem advir. Os recursos humanos de uma escola serão sempre indispensáveis ao bom funcionamento do âmbito escolar, assim, um auxiliar bem formado é um forte contributo para a dinâmica educativa e uma excelente garantia para o sucesso de todo o ambiente escolar.

I. 5. Oferta curricular

A oferta curricular da escola centra-se nos cursos Científico-Humanísticos, na área das Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais. Esta oferece ainda cursos profissionalizantes na área da Multimédia. No que respeita às Línguas, a aposta da escola é bastante visível, disponibilizando um leque alargado que vai desde o Inglês, ao Francês, ao Espanhol e ao Alemão.

O facto de a maior parte dos alunos mostrar interesse em prosseguir os estudos, faz com que a escola direcione os seus cursos numa determinada oferta educativa,

procurando ir de encontro às escolhas dos alunos, no que diz respeito ao curso superior que pretendem realizar.

I. 6. Os alunos

A escola tem mais de mil alunos distribuídos por quarenta turmas, vinte do 3º ciclo do ensino básico e vinte do ensino secundário, funcionando todas em regime diurno. Os alunos diferenciam-se pelas elevadas taxas de transição, que rondam os 99%, quer no ensino básico quer no ensino secundário. Em 2009, a escola situou-se em 9º lugar no ranking nacional de escolas públicas, o que demonstra bem o perfil e o modelo de alunos que integram esta escola e o envolvimento dos professores que aqui trabalham.

Destaco o interesse e a participação dos alunos nos vários projectos e actividades que a escola disponibiliza, ao mostrarem-se disponíveis para dar o seu contributo sempre que são chamados a fazê-lo. Saliento também a forte afluência aos vários clubes disponíveis, de modo a enriquecer os seus conhecimentos e a ocupar os seus tempos livres. O jornal da escola, *A Janela do Marquês*, é mais uma das muitas iniciativas destes alunos, que disponibiliza semanalmente notícias, acontecimentos, visitas de estudo e outras actividades do interesse de toda a comunidade educativa, visando sempre enriquecer a formação dos alunos com novos conhecimentos, de modo a contribuir para o desenvolvimento e crescimento de todos.

I. 7. Associação de Estudantes

A Associação de Estudantes, em representação de todos os jovens da escola, disponibiliza um espaço de lazer, de partilha de ideias e projectos a todos os seus pares. Muito mais do que garantir a animação radiofónica no intervalo das aulas, promoveu ao longo do ano várias iniciativas de carácter sociocultural e desportivo. Na Semana das Interculturas apresentou à comunidade escolar algumas peças de teatro do seu grupo, o *Grupo Baganvília*. A Associação de Estudantes foi sempre apoiada e incentivada pela Direcção da escola em todas as actividades que promoveu, o que demonstra bem a saudável relação entre estes dois organismos.

I. 8. Projecto Educativo

A escola define a sua identidade quando cria o seu projecto educativo, de acordo com o contexto social onde está inserida, traçando metas capazes de satisfazer as necessidades de ensino e aprendizagem dos seus alunos. A participação e o empenho formam parte do mesmo projecto e são transversais a toda a comunidade escolar.

A Escola Secundária Quinta do Marquês orienta os seus princípios educativos, com base nos seguintes pontos do Regulamento Interno⁴:

- 1- O desenvolvimento de todas as componentes para uma formação integral dos alunos, fomentando simultaneamente a aquisição dos conhecimentos e competências indispensáveis à continuação dos estudos e inserção na vida activa;
- 2- A adequada intervenção de todos os professores na defesa da Língua Portuguesa e na melhoria da expressão oral e escrita dos alunos;
- 3- O apelo à participação e colaboração dos alunos, quer individualmente, quer através dos seus representantes, nomeadamente a associação de estudantes;
- 4- O apelo à cooperação dos pais e encarregados de educação na vida escolar.”

Estes são pontos que ao longo da minha Prática de Ensino Supervisionada pude comprovar e que me ajudaram a perceber, de forma clara, a importância de um projecto educativo bem estruturado e da sua verdadeira aplicabilidade junto da comunidade educativa.

A escola tem como objectivo formar e integrar os seus alunos, fornecendo-lhes as competências necessárias de forma a capacitá-los e prepará-los para prosseguir a sua carreira académica e posterior entrada no mercado de trabalho.

Enquanto professora de Português e de Espanhol, senti por parte de todos os colegas um grande empenho em promover e melhorar a expressão escrita e oral dos alunos, através de várias iniciativas presentes na escola ao longo do ano lectivo, nomeadamente através de exposições, debates, leituras expressivas, entre outras.

Destaco as distintas acções promovidas pela escola com o intuito de estimular os alunos a colaborarem no projecto educativo da sua comunidade e a participar na vida

⁴ Regulamento Interno da Escola Secundária Quinta do Marquês 2009/2010.

activa da escola, tais como concertos, saraus, exposições, concursos, passatempos e jogos.

Houve sempre por parte da escola uma forte preocupação em envolver os pais e encarregados de educação nas várias iniciativas de modo a integrá-los, levando-os a fazer parte do processo educativo.

I. 9. Participação em reuniões do conselho de turma

No início do ano lectivo assisti às reuniões das turmas com que iria trabalhar, no intuito de obter informações necessárias sobre os alunos e conhecer melhor as particularidades de cada turma. Esta participação tinha também a função de conhecer os elementos do conselho de turma e facilitar a minha integração na escola.

Particpei também nas reuniões de avaliação, para me assegurar se os restantes membros do conselho de turma partilhavam da mesma opinião que eu no que diz respeito ao comportamento e ao aproveitamento dos alunos. A meu ver, esta partilha é fundamental para a realização de um trabalho sério e rigoroso. Assim, em conjunto os professores acompanham e avaliam o progresso de cada aluno, procurando encontrar as estratégias adequadas de modo a solucionar os problemas existentes na turma.

Capítulo II – Prática de ensino supervisionada em Português

II. 1. Caracterização da Turma 11º B de Português

Esta caracterização foi elaborada com base nos elementos que disponho dos alunos, incidindo na observação das aulas leccionadas pelo orientador Carlos Lopes e por mim na disciplina de Português.

A turma é constituída por vinte e oito alunos, catorze rapazes e catorze raparigas. A maioria dos alunos já se conhecia, visto terem sido da mesma turma no 10º ano, o que justifica a cumplicidade e o espírito de grupo tão visível dentro da sala de aula.

Quanto à disciplina de Português, grande parte dos alunos manifesta muita apetência pelos conteúdos propostos pelo professor. Pelo que observei ao longo das aulas, esta é na generalidade uma turma assídua, pontual e participativa, destacando-se

pelo bom comportamento e pelo interesse em relação às actividades propostas pelo professor.

Realço a participação espontânea dos alunos a par do trabalho diário levado a cabo pelo orientador, tendo como base a motivação dos alunos e criando sempre uma grande expectativa acerca dos conteúdos que lecciona.

As suas aulas são bem estruturadas, evidenciando sempre uma prévia preparação das mesmas. Destaco a forma apelativa com que trata os temas, criando sempre a expectativa necessária para os alunos se sentirem motivados ao longo de toda a aula, explorando os vários recursos oferecidos pela disciplina. Este método provoca nos alunos um gosto especial pela disciplina, o que se traduz nos níveis atribuídos no final do período. Recorre com frequência à intertextualidade, enriquecendo assim as aulas de português e tirando o máximo partido das várias potencialidades da literatura.

No domínio da oralidade, a turma demonstra grande fluidez no discurso e uma excelente organização de ideias na expressão escrita.

Realço também a receptividade transmitida pela turma à professora estagiária, demonstrando sempre grande simpatia, solidariedade e respeito pelo trabalho desenvolvido.

II. 2. Aulas observadas de Português

Ao longo das várias aulas a que assisti, procurei sempre ser o mais objectiva possível na observação e no tratamento que fiz. É fundamental fazer uma análise progressiva das aulas observadas e tentar avaliar quais os factores que contribuíram para uma eventual alteração de comportamento quer por parte do professor, quer por parte dos alunos. Para mim, o acompanhamento contínuo às aulas do professor Carlos Lopes fazia todo o sentido, uma vez que as aulas não são todas iguais. Os factores condicionantes podem ser vários e é importante podermos assistir às aulas de forma contínua para assim termos a percepção de como são leccionados os vários conteúdos programáticos. Assim, decidi assistir ao maior número possível de aulas de Português, de modo a poder ter elementos necessários para fazer uma análise mais completa e detalhada. Destas observações começo por dizer que o orientador tinha um bom relacionamento com a turma, o que facilitava o processo de ensino e aprendizagem. Expôs os conteúdos de forma clara, ordenada e com um grande rigor. Comunicou

sempre com muita facilidade e de forma adequada, teve a preocupação constante de verificar se a turma estava a acompanhar devidamente os conteúdos.

No início de cada aula tinha sempre a preocupação de retomar os conteúdos da aula anterior para, deste modo, fazer a ligação com a matéria que ia tratar. Esta era uma das suas estratégias para prender de novo a atenção dos alunos, já que procurava fazer sempre uma grande síntese dos assuntos mais relevantes da aula passada com o intuito de dar seguimento aos conteúdos do programa.

O professor fez sempre um grande investimento na escrita e no processo construtivo de cada aluno, valorizando e elogiando as construções que os alunos apresentavam.

Sobre a temática da publicidade, começou por pedir à turma a construção da primeira página de um jornal com notícias falsas mas credíveis, onde pretendia que fosse valorizada a competência comunicativa, desenvolvendo a percepção da importância da imagem apelativa, a selecção do público-alvo, e as várias estratégias de persuasão associadas à imprensa escrita. Durante uma semana prepararam a pares esta actividade, na qual tive a oportunidade de cooperar, ajudando-os deste modo na estruturação e organização dos diversos elementos a ser trabalhados. Assim, no início de cada aula, os alunos apresentaram à turma o resultado do trabalho desenvolvido. Pelo que pude perceber houve uma grande preocupação em organizar a capa do jornal de acordo com os parâmetros que haviam sido estudados em aula, nomeadamente na forma hábil como expuseram as notícias recorrendo a imagens e a títulos apelativos com o objectivo de cativar o leitor.

A exposição dos trabalhos resultou por isso num momento criativo onde os alunos puderam desenvolver o domínio da oralidade.

Após a conclusão deste tema iniciou o estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, dando especial importância à eloquência do discurso que este notável orador apresentava. Começou por apresentar a estrutura do *Sermão* e destacar a riqueza do texto argumentativo a par das características humanísticas do Padre António Vieira, fundamentais para um excelente transmissor de pensamento. Solicitou uma leitura prévia, por capítulos, de modo a que, quando o texto fosse lido na aula, se tornasse mais fácil a sua compreensão.

À medida que expunha os problemas apresentados ao longo do texto e as possíveis formas de os contornar tentava sempre fazer pertinentes paralelismos com

situações práticas do quotidiano de modo a facilitar a sua análise e a cativar o interesse e a atenção dos alunos.

Sem nunca perder o controlo da gestão da sala de aula, procurou que todos participassem e reflectissem de forma crítica sobre os temas que estavam a ser tratados. Assim, provocou discussões de forma consciente de modo a envolver toda a turma e a desenvolver o sentido crítico dos seus alunos. Tentou consciencializá-los para as várias questões levantadas no *Sermão*, salientando a importância do sentido democrático que o texto oferece, uma vez que este nada impõe, apenas sugere algumas hipóteses de como poderão ser solucionados muitos dos problemas dos homens.

Ao longo dos vários capítulos, desde os louvores às repreensões, reforçou a ideia da crítica social com o objectivo de expurgar os problemas da sociedade, dando sempre espaço a breves momentos de reflexão, a meu ver imprescindíveis para clarificar e tornar mais aliciantes os momentos de debate que se seguiam. Assisti às reflexões e comentários que os alunos foram apresentando, sempre motivados pela elevada expectativa que o professor tinha em relação às suas observações. Já que era frequente reforçar positivamente as respostas, as condutas e as boas práticas de trabalho dos seus alunos, sempre com o objectivo de valorizar as suas participações e de os motivar para as tarefas propostas.

No seguimento do programa iniciou o estudo da obra, *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett. Esta foi lida de forma integral em aula, analisada e explorada minuciosamente, tratando assim as várias temáticas apresentadas pelo autor, com principal destaque para o amor sofrido, o patriotismo, e a perda da identidade. O professor recorreu com frequência à intertextualidade e a vários tópicos dados por ele anteriormente, relacionados com este estudo. Deste modo, realço a vantagem de ter os mesmos alunos desde o 7º ano, já que desta forma estão assegurados os conteúdos dados nos anos anteriores, neutralizando assim a situação corriqueira de ver os alunos a contestar que este ou aquele conteúdo nunca lhes foi ensinado em anos anteriores. Bem como se garante a essencial continuidade dos conteúdos programáticos e o consequente, e importante, crescimento da relação entre professor e aluno, indispensável para o sucesso das aprendizagens.

Com o início do estudo de *Os Maias*, de Eça de Queirós, procurou levar os alunos a pensar a obra, dando importância não só ao enredo mas principalmente a

determinadas temáticas, começando pela educação, o que deu origem ao segundo momento de avaliação do segundo período.

Em geral, os alunos mostraram-se, ao longo das aulas, empenhados e participativos, respondendo às várias solicitações do professor. Revelaram-se disponíveis para as várias aprendizagens, e mostraram-se interessados nas explicações dadas pelo docente, acompanhando com empenho o desenrolar das aulas.

Colocavam com frequência questões sobre a matéria que estava a ser leccionada, o que reflecte bem o interesse e a atenção que demonstravam, apresentando sistematicamente os seus comentários e opiniões de forma bem estruturada sobre os assuntos abordados na aula.

Quando um aluno não acompanhava a explicação do professor, perturbando e distraíndo os colegas à sua volta, o professor colocava-lhe questões relacionadas com a matéria e solicitava a sua intervenção de forma continuada de modo a evitar que persistisse com esse comportamento. Sempre que a turma estava mais agitada, procurava introduzir um tema fora do âmbito da aula, mas de interesse geral dos alunos, para assim “prender” a sua atenção e poder retomar a aula. Deste modo, corrigia a atitude e a postura dos alunos e ganhava um público mais atento e interessado.

II. 2. 1. O blogue “Palavras por Dizer”: outra estratégia do orientador

O professor Carlos Lopes tem vindo de há anos a esta parte a promover e a impulsionar, quer a escrita quer a oralidade junto dos seus alunos. São várias as iniciativas que desde o início do ano tem vindo a apresentar, procurando estimular a escrita criativa. Este ano criou um blogue intitulado “Palavras por dizer”⁵ que reúne um vasto número de micronarrativas não só das suas turmas, como também de outros alunos da escola que depois de terem conhecimento passaram a ser leitores assíduos do mesmo. Procurou sempre ser criativo nos projectos que desenvolveu, mobilizando os alunos para a construção, valorizando e incentivando a criatividade e a originalidade da escrita. As micronarrativas depois de produzidas foram apresentadas à turma e cumpriram os requisitos necessários para a avaliação da oralidade. Do referido blogue saliento, não só a originalidade e a criatividade que apresentam, como também o poder

⁵ <http://as-palavras-por-dizer.blogspot.com>

de síntese que obriga os alunos a dizer tanto em tão poucas palavras, o que nem sempre é fácil, porque exige o domínio de algumas competências, tais como: poder de síntese e saber seleccionar e extrair o que realmente interessa, sem perder o conteúdo e o interesse que uma história oferece.

Esta forma de divulgar bons textos e de proporcionar aos visitantes do blogue agradáveis momentos de leitura, enriquece e incentiva a que cada vez mais possamos acreditar que é possível melhorar a produção escrita e que a escola é um espaço perfeito para promover e divulgar o que de melhor os alunos podem fazer. As micronarrativas do referido blogue irão dar forma a mais um dos seus projectos, desta vez após reunir e compilar todos os textos será editado um livro, onde os alunos poderão ver publicado o seu trabalho, o que a meu ver irá contribuir para um enorme orgulho e vontade de participar futuramente em outros eventos, pois desta forma sentem que o seu trabalho foi reconhecido e valorizado.

Em conjunto com o professor Carlos Lopes colaborei na selecção e correcção das micronarrativas, bem como na elaboração do posfácio, juntamente com os meus dois colegas de estágio. Isto permitiu-me crescer profissionalmente, pois pude constatar que a evolução literária de cada aluno é fruto do empenho e da dedicação de quem os orienta. Para comemorar o lançamento do livro será feita uma festa, no final do ano lectivo, que irá reunir os alunos e as suas famílias e que irá certamente proporcionar a todos um excelente momento de convívio.

Acredito que para haver um ambiente saudável dentro da sala de aula é imprescindível, não só um bom relacionamento entre todos os intervenientes deste processo, como um incentivo às aprendizagens por parte do professor acompanhado de uma disponibilidade, por parte dos alunos, para saber mais. Assim, estou certa de que estão reunidas as condições adequadas para o ensino de qualquer disciplina. Deste modo, considero que para construir e desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, o docente deve ter a capacidade de criar novas práticas e novos saberes de forma a motivar os seus alunos. Do contributo e da receptividade a novos desafios depende em parte o sucesso educativo das nossas escolas.

II. 3. A minha prática de Português: *Frei Luís de Sousa*

Depois de ter assistido a um elevado número de aulas, era altura de preparar as minhas próprias planificações⁶, uma vez que estava cada vez mais próximo o momento de iniciar a minha prática. Mas apesar de já reunir as ferramentas necessárias para um bom desempenho docente, tinha plena consciência de que podia haver uma forte tendência para imitar o orientador. Assim tentei tirar o máximo partido de tudo que observei e aprendi, mas esforcei-me por apresentar um trabalho pessoal que reflectisse o esforço e empenho que dediquei àquela turma desde o início do ano lectivo.

Planifiquei as aulas conforme os conteúdos do programa curricular, escolhendo cuidadosamente as estratégias que melhor se aplicariam aos discentes que iria ter pela frente, sem descurar, quer as competências gerais, quer as competências específicas, que estes deveriam desenvolver. Fiz várias leituras que abordavam o tema que iria tratar e que complementavam o que se iria trabalhar nas aulas. Desta forma, diferenciei contextos que abordavam os temas em estudo e preparei-me para leccionar os conteúdos da melhor forma.

Assim, considero que uma boa planificação é um instrumento fundamental para uma orientação garantida e uma aula de sucesso. Por isso, a sua preparação e estruturação devem ser bem pensadas e delineadas de forma a garantir que o aluno construa com firmeza o seu próprio conhecimento. Ao longo das aulas que leccionei tive sempre o cuidado de ser clara e objectiva na forma como abordei os vários conteúdos que me propus trabalhar.

Uma vez que o professor da turma iniciou o estudo de *Frei Luís de Sousa* leccionando os Actos primeiro e segundo, foi decidido por mútuo acordo que eu trataria o Acto terceiro da referida obra.

Tinha noção de que o percurso não seria fácil, por um lado, porque os Actos antecedentes iriam ser dados pelo experiente e criativo professor da turma, e eu tinha consciência que devia dar continuidade a um trabalho de excelência que vinha a ser desenvolvido até ao momento. Por outro lado, tinha plena percepção de que o Acto terceiro estava longe de ter o destaque e a importância dos actos anteriores, já que é no final do Acto segundo que se dá o momento alto de toda a acção. Assim, os meus objectivos tinham de estar muito bem definidos, era necessário encontrar uma estratégia

⁶ Encontra-se documentada um exemplo de planificação no anexo 3, p. 62.

que justificasse e motivasse os alunos para continuarem “presos” à obra. A minha prestação tinha de ser inovadora e apelativa. Deste modo, decidi recorrer ao factor surpresa, para criar alguma expectativa nos alunos. Alerttei-os para o facto de que nem tudo tinha sido desvendado, muitas surpresas estavam ainda guardadas para o final do Acto terceiro e motivei-os para a ideia de que, mesmo quando achamos que já tudo foi referido e revelado, à medida que nos vamos aproximando do final, muitos factores relevantes podem ainda ser descortinados. Afinal não é por termos conhecimento de um determinado facto, neste caso concreto o fatal regresso do Romeiro, desvendado no final do Acto segundo, que abandonamos a cena e damos por terminado o desenrolar da acção. O que irá suceder a esta família, tragicamente sofredora? Que destino terão os seus protagonistas depois deste trágico regresso? Estas foram algumas das perguntas que propus aos alunos, de modo a mantê-los interessados até ao desfecho da obra. Relacionei a obra a um filme, pois considero que por vezes só no final podemos reconhecer e comprovar pequenos indícios que não eram passíveis de ser explicados se não tivéssemos assistido ao seu final. A turma estava preparada, agora cabia-me tirar o máximo partido dos momentos que se seguiam.

Comecei por solicitar uma leitura cuidada e expressiva das várias cenas do Acto terceiro, com a intenção de criar nos alunos a sensibilidade e a entrega necessária para abordar uma obra desta dimensão.

Após garantir o interesse e o entusiasmo por parte dos alunos, partimos para uma análise detalhada da didascália inicial, fundamental para a percepção de todo o Acto, uma vez que esclarecia os vários indícios para o desfecho.

Procurei manter sempre um diálogo entre mim e os alunos, mediante a utilização de um questionário orientado para a compreensão do texto que estávamos a analisar. Recorri com frequência ao uso de analogias com a finalidade de explicar mais facilmente os conteúdos do programa.

As cenas que se seguiam eram particularmente importantes pela simbologia e pelos elementos trágicos que continham.

Realcei a importância do fechamento do espaço, preparando deste modo os alunos para a análise da catástrofe. Destaquei o declínio das luzes adequado ao destino das personagens. Induzi os alunos a analisarem a importância do espaço profano e sagrado e do tempo na obra, a caracterizarem e a interpretarem o estado de espírito, os sentimentos contraditórios de Manuel Coutinho, as dúvidas e os medos de Madalena, os

conflitos interiores de Telmo, articulando sempre com as marcas da linguagem presentes no texto.

Solicitei que identificassem as várias marcas românticas, presentes na personagem Maria. Analisámos e debatemos a justificação do título da obra, levando sempre os alunos a questionarem-se sobre as verdadeiras motivações de Almeida Garrett para escrever aquela que penso ser a maior peça de teatro portuguesa.

Após ter dado quatro aulas, de noventa minutos, analisando e discutindo as várias temáticas com os alunos, optei por recorrer à visualização das três últimas cenas do Acto terceiro, utilizando o formato digital de vídeo. A minha intenção era simples, fazer com que os alunos sentissem toda a intensidade e energia transmitida pela música, pelos cenários e pela excelente entrega e representação dos actores. No final, os comentários e as reacções dos alunos fizeram-me acreditar que tinha feito uma boa opção. O filme, *Frei Luís de Sousa*, de António Lopes Ribeiro, de 1950, permitiu-me constatar que aquele grupo de alunos, não só tinha uma grande sensibilidade para a arte de representar, como foi importante verificar que os cenários, o som e as personagens nem sempre correspondiam ao que eles tinham idealizado, antes de visualizar o filme. Depois de terminar o respectivo visionamento, achei pertinente sugerir uma actividade de grupo para caracterizarem as personagens da obra, uma vez que este me pareceu ser o momento indicado para uma descrição mais precisa.

O trabalho de grupo deve sugerir aos alunos uma proposta de actividade diferente do autónomo, mas sempre conscientes da diversidade de recursos que este tipo de tarefas pode oferecer. Assim, considero que, no decorrer da minha aula e após uma breve, mas necessária justificação, acerca do motivo pelo qual me decidi por este tipo de trabalhos, os alunos mostraram grande sensibilidade para a execução dos mesmos.

A rapidez e a organização com que formaram os grupos evidenciou alguma experiência neste tipo de tarefa, uma vez que a sua postura e atitude foi muito correcta.

Formaram grupos de quatro elementos aos quais foi distribuído uma personagem para caracterizar. Os resultados foram positivos, os alunos foram solicitando a minha presença de forma sistemática, demonstrando sempre muito interesse e seriedade pelo trabalho proposto. As caracterizações ficaram muito completas e bem estruturadas. No final apresentaram de forma ordenada e expositiva o resultado do trabalho efectuado aos restantes colegas, permitindo assim complementar o trabalho final que seria a

compilação feita por mim e posteriormente entregue a todos os elementos da turma para que pudessem dispor de um documento de estudo e apoio para aulas futuras.

II.4. O meu Projecto (I): conclusão de contos

No início do ano lectivo foi solicitado pelo orientador de Português a cada professor estagiário que apresentasse um projecto para a turma com que iria trabalhar.

O projecto que me propus elaborar para esta disciplina teve como objectivo desenvolver a imaginação e a criatividade dos alunos, trabalhar as várias possibilidades de interpretação, explorar a capacidade de reinventar e estimular o processo criativo.

Antes de revelar o tipo de actividade a propor, achei pertinente alertar os alunos para as minhas verdadeiras intenções, no que concerne ao que pretendia efectivamente.

Como estratégia de motivação, comecei por valorizar os seus potenciais e reforcei a ideia de que as minhas expectativas para o trabalho que iriam realizar eram elevadas, o que a meu ver causa no aluno a necessidade de corresponder ao que lhe é pedido. Salientei, ainda, que fazia todo o sentido trabalhar com eles a criação livre e espontânea, reforçando sempre a enorme vantagem de trabalhar textos criativos. Isto partindo do princípio de que nenhum texto é completamente “virgem”, que terá sempre como base uma referência: um livro que lemos, um filme que vimos, um sentimento, uma emoção, ou uma vivência, propus-me trabalhar com os alunos a consciência de que uma história, um texto é sempre um conjunto de várias possibilidades.

A actividade proposta à turma foi a conclusão de alguns contos, criteriosamente por mim seleccionados. Aos alunos foi fornecido o texto incompleto de um conjunto de contos literários abaixo indicados e eles tinham como tarefa imaginar e escrever aquilo que não lhes era contado: o final do conto.

A consciência de que a minha grande aposta iria ser neste campo, foi para mim uma mais-valia, uma vez que me permitiu transformar momentos criativos em resultados muito positivos. Esta actividade foi feita em pares, já que a turma era muito extensa e seria difícil trabalhar vinte e oito propostas de forma individual. Esta tarefa foi pensada para trabalhar textos que causassem nos alunos a vontade de continuar a criar. Procurei “partir” o texto no momento exacto em que o aluno sentisse necessidade de o prosseguir e de o concluir. Considerei que estes contos tinham essas particularidades e permitiam ao aluno desenvolver a sua imaginação e o seu processo criativo.

Como introdução a este tipo de actividade e com a finalidade de demonstrar que o professor deve estar sempre receptivo à criatividade dos seus alunos, sem estar preso a preconceitos e a possíveis juízos de valor, comecei por ler um texto de Maria José Balancho que trata a atitude pouco informada de uma professora. A pequena história, intitulada *Era uma vez uma galinha branca que punha ovos azuis*, relata o episódio de uma aluna que, após ter lido alto perante a turma uma composição sua, foi obrigada a alterar-lhe o conteúdo, porque a professora não aceitava a versão inicial. Assim, a referida história terminou da seguinte forma: *Era uma vez uma galinha branca que punha ovos brancos, só porque não a deixavam pôr ovos azuis*. Felizmente, deste modo o acto criativo da aluna não ficou comprometido, uma vez que ela soube superar e vencer o preconceito do professor e acabou por demonstrar que, apesar da alteração ao texto que foi obrigada a fazer, conseguiu romper com as barreiras da intolerância.

Após esta breve reflexão parti para a entrega dos textos que pretendia trabalhar na aula. Os contos seleccionados foram *O menino e o caixote*, de Mário Henrique Leiria, *O livro fechado*, de António Torrado e *Sábios como camelos*, de Eduardo Agualusa.

Os alunos aderiram bem à realização desta tarefa e os resultados superaram as minhas expectativas. As cerca de catorze conclusões apresentadas à turma foram, não só criativas, como também originais e inovadoras. Foram apresentados excelentes textos, com o rigor e a originalidade necessários para a fundamental emergência da criatividade.

No final da leitura de todas as conclusões propostas pelos alunos li à turma a conclusão do conto original em causa, apenas com o intuito, não de lhes fazer sentir a diferença de qualidade de uma para as outras, mas para pensarem no sentido específico que resulta do facto de um texto original ter aquela conclusão e não outra.

II.5. O Meu Projecto (II): leitura de imagens

Outra das minhas apostas foi na leitura de imagens. Pretendia tratar algo que não fizesse parte dos hábitos de trabalho dos alunos na sala de aula, tentando deste modo motivá-los para o novo e para a descoberta de trabalhar conteúdos que estão presentes no programa, mas que nem sempre são abordados de forma inovadora. A interpretação pode ser trabalhada em várias vertentes, se ler um texto pode ser muito sugestivo, este

pode ser redutor na forma de análise e exploração, uma vez que uma imagem pode sugerir mais interpretações que um texto escrito.

A liberdade de interpretação sugere em princípio ao aluno uma maior espontaneidade de imaginação: este sente-se mais livre para criar, interpretar e dar um significado novo e diferente ao que vê e ao que sente. Assim, “O leitor/observador da imagem analisa os vários elementos, relaciona conhecimentos, contextualiza e interpreta a intencionalidade da mensagem. Para isso, mobiliza as suas capacidades cognitivas e culturais, mas também a sua sensibilidade”.⁷

Considero fundamental no actual percurso do aluno a prática de aprendizagens criativas. Este deve ter ao seu dispor diversas ferramentas que lhe permitam ao longo do trajecto escolar desenvolver as várias competências de escrita criativa.

Era meu objectivo pôr os alunos a reflectir sobre as várias leituras que podem ser feitas a partir de uma imagem. Assim, para esta actividade, recorri ao PowerPoint e após a visualização dos diapositivos com as imagens que seleccionei de forma rigorosa, tendo sempre em conta a diversidade e a multiplicidade de interpretações de imagens, senti a necessidade de alertar os alunos para a percepção de que os sentimentos, as vivências e as emoções condicionam o que observamos e o que nos sugere cada imagem.

Comecei por apresentar, de forma intencional, uma imagem diferente de todas as que exibi posteriormente, uma imagem associada a um slogan. Esta decisão tinha o firme propósito de demonstrar que a imagem em causa estava condicionada ao slogan que lhe foi atribuído, e por isso, não foi difícil constatar que esta sugeria a toda a plateia a mesma interpretação. Mas o que propus trabalhar, depois deste exemplo, foi a leitura da imagem pela imagem, ou seja, a leitura de imagens sem slogans, sem títulos, sem rótulos, permitindo ao aluno uma interpretação livre e despojada de qualquer elemento que condicione ou delimite a sua leitura e consequente tradução do que leu e sentiu.

Assim, apresentei imagens fortes⁸, que despertassem vários sentimentos em quem as observava e os resultados foram uma vez mais surpreendentes. Estava perante um público sensível e interessado, que observava e descrevia o que cada imagem lhe sugeria. Estavam empenhados em participar, em trocar opiniões e comentários e a

⁷ Lavareda e Abreu, 2007, p. 177. Deste livro é particularmente importante o capítulo “Analisar e Interpretar Imagens”, donde extraí a passagem acima citada.

⁸ As imagens utilizadas nesta unidade didáctica correspondem no presente relatório ao anexo 4, p. 63.

discussão em torno do que viam e sentiam foi muito enriquecedora não só para eles como também para mim.

Na última semana de Março, o professor Carlos Lopes teve de ausentar-se para acompanhar a sua turma de 10º à Alemanha, deste modo e como professora estagiária da disciplina fiquei responsável pelas aulas do 11ºB. Durante esta semana entreguei e corriji o teste de *Os Maias* e procurei esclarecer todas as dúvidas que foram surgindo ao longo da correcção; na última aula do período acompanhei os alunos à biblioteca para assistirem à leitura expressiva de um texto escrito pelos alunos do 12º e organizada pela coordenadora do Departamento de Português, a professora Luzia Carapeto. Estas iniciativas são geralmente do agrado dos alunos e são uma prática corrente nesta escola.

II. 6. Estratégias de Mobilização (Português)

Estar envolvido numa actividade é ser parte dela. Assim, acredito que se o aluno for envolvido na construção de materiais e actividades que sirvam de base ao seu estudo e que o ajudem a desenvolver o seu próprio processo de aprendizagem, ele se sinta uma parte importante do processo educativo e que passe a ter outra percepção do seu dinamismo no meio escolar.

Ao sentir que é valorizado e que faz parte da estrutura do processo construtivo, vai tornar-se mais interessado e motivado para aceitar novos desafios. Deste modo, ao longo das aulas que leccionei tive a preocupação de mobilizar os alunos na leitura expressiva de algumas cenas do Acto III de *Frei Luís de Sousa*, que prepararam com entusiasmo e posteriormente apresentaram à turma. As primeiras leituras dramatizadas tiveram a função de persuadir os restantes alunos a participar neste tipo de actividade. Este envolvimento foi um factor preponderante para uma abordagem mais rica à obra e permitiu desenvolver algumas destrezas da competência comunicativa, nomeadamente a expressão oral. Assim considero que a participação dos alunos foi fundamental para a construção do seu próprio conhecimento.

Outra das actividades que propus foi a caracterização das personagens. Cada grupo trabalhou uma personagem de forma empenhada, pois sabia que o seu trabalho iria servir de estudo aos restantes colegas da turma, uma vez que iria ser feita uma compilação de todos os trabalhos. Deste envolvimento resultou um trabalho bem estruturado e muito completo. A caracterização das personagens foi minuciosa e

demonstrava uma preparação cuidada e bem delineada. Houve a preocupação de caracterizar as personagens de acordo com a sua evolução ao longo da obra.

No final, não só comentei como também elogiei e valorizei todos os trabalhos apresentados, de modo a consciencializar os alunos do seu importante contributo. Mobilizei os alunos a pesquisarem e a apresentarem contos que pudessem ser concluídos na aula, no seguimento do que tínhamos vindo a trabalhar. Foram responsáveis e cuidadosos na escolha e apresentaram contos interessantes, possíveis de trabalhar em aula e capazes de cativar o leitor a encontrar um outro final. *A cegueira do príncipe*, de António Torrado, *O caçador de borboletas* de José Eduardo Agualusa, e *O retrato de Mónica*, de Sophia de Mello Breyner Andresen foram alguns dos contos apresentados.

Aquando da actividade da leitura de imagens e após a excelente recepção que demonstraram por essa actividade mobilizei os alunos a apresentarem as suas próprias imagens. Aceitaram o desafio de imediato e após uma pesquisa e uma selecção reflectida enviaram-me as suas sugestões via e-mail, de forma a obterem a minha aprovação antes da apresentação. Notei uma certa ansiedade em exibirem as imagens seleccionadas aos seus pares, o que demonstrava bem o forte envolvimento da turma na realização desta actividade. As imagens foram variadas, desde imagens tristes, que sugeriam solidão, medo e revolta, até imagens cheias de cor e de vida, que despertaram grandes sensações em todos os presentes.⁹

Acredito que se os alunos forem mobilizados a participar activamente na construção, quer de materiais, quer de actividades, de modo a criar e a construir o seu próprio conhecimento, todos ficamos a ganhar. Os alunos porque se sentem motivados a dar o seu contributo e os professores porque ganham um “público” mais interessado e disposto a trabalhar.

⁹ No presente relatório estas imagens encontram-se documentadas no anexo 5, p. 64.

Capítulo III – Prática de Ensino Supervisionada em Espanhol

III. 1. Caracterização da Turma 7º D de Espanhol

Pelo que pude observar ao longo das aulas da disciplina de Espanhol, esta turma é na sua maioria assídua, pontual, e participativa. No entanto, o seu aproveitamento é satisfatório, ao contrário das outras duas turmas de Espanhol, às quais tive oportunidade de assistir, cujo aproveitamento é superior dado o seu maior interesse e envolvimento na aula.

A turma é constituída por vinte e sete alunos, dezoito rapazes e nove raparigas, a média de idades é de doze anos. Relativamente ao nível de escolaridade dos pais destes alunos, treze por cento possuem um curso superior e dez por cento tem a escolaridade secundária. Grande parte destes alunos já se conhecia, uma vez que a maioria vinha da Escola EB 2,3 Conde de Oeiras e eram da mesma turma, o que explica a forma como interagem entre si, o espírito de grupo e a manifesta cumplicidade dentro da sala de aula. Em geral é uma turma agitada e ruidosa, mas que demonstra interesse pelas actividades propostas pela docente, sobretudo, quando estas são dinâmicas e variadas.

A turma evidencia uma grande receptividade pela disciplina de Espanhol, não só porque é uma disciplina nova na escola, mas também pela grande proximidade com a nossa Língua. Neste grupo destaco alguns alunos que demonstram uma forte apetência por esta área linguística e trabalham com entusiasmo todos os conteúdos propostos, participando com interesse nas actividades da aula.

Nesta turma existe um aluno com necessidades educativas especiais. Sofre de hiperactividade, pelo que apresenta por vezes um comportamento perturbador, mas quando devidamente medicado consegue integrar-se na aula, o que nem sempre acontece, havendo por vezes a necessidade de actuar, quando está mais agitado, convidando-o a dirigir-se ao Gabinete de Apoio ao Aluno (Gabinete 71), sempre que perturba e distrai os restantes colegas. A docente responsável pela disciplina não permite que um membro da turma ponha em causa o bom funcionamento da aula e actua sempre que o processo de aprendizagem dos restantes discentes esteja comprometido.

O facto de haver um elemento na turma com necessidades educativas especiais (NEE) requer por parte do professor um acompanhamento mais directo e atento, sem que se evidencie um tratamento diferente ao aluno em causa, não o colocando assim em

destaque perante os restantes colegas. Acredito que a melhor forma de não descriminar negativamente estes alunos é saber ver e trabalhar as suas diferenças.

Realço o esforço da orientadora da disciplina de Espanhol, pela dedicação à turma, de modo a atingir com sucesso os objectivos do programa curricular, promovendo a aprendizagem e estimulando o gosto pela língua.

III. 2. Aulas observadas de Espanhol

Como já referi anteriormente, os alunos já se conheciam de anos anteriores, pois grande parte deles vinha da mesma escola e eram da mesma turma no 6º ano. Esse aspecto ajudou-me a perceber a forma como interagiam entre si, bem como a cumplicidade e o espírito de grupo que manifestavam dentro da sala de aula.

O facto de estarem todos pela primeira vez no 7º ano, numa escola Secundária e com professores que não conheciam, não os motivou a terem um comportamento mais adequado. A turma, que eu acompanhei desde o início do ano lectivo, era agitada e ruidosa, e apresentava grandes problemas de concentração.

Apesar da minha posição de observadora, sentada ao fundo da sala, os alunos não se inibiam de falar uns com os outros, mesmo os que estavam sentados à minha frente. Este comportamento prejudicava com alguma frequência o bom funcionamento da aula e obrigava a professora a actuar no sentido de impedir que esta situação prejudicasse as actividades da aula. O que por vezes se traduzia numa ordem de saída da sala aos alunos perturbadores. Esta situação foi evoluindo favoravelmente, graças ao empenho da professora Manuela Furtado em trabalhar com alunos com estas características e desta faixa etária.

A docente utilizou algumas estratégias para assegurar um ambiente propício às aprendizagens dos alunos. Destaco: a preocupação em chamar os alunos a participar de forma alternada para evitar que estivessem desatentos; a delegação de funções no elemento mais perturbador da turma, de modo a responsabilizá-lo e a controlar o seu comportamento mais agitado, convocando-o por exemplo para ser o porta-voz do grupo ou ser responsável pela arrumação da sala no final da aula.

Pude observar que a docente agiu sempre com determinação e procurou ao longo das aulas incentivar os alunos apresentando propostas de trabalho dinâmicas e variadas, promovendo assim a participação e a interacção dos alunos. Como introdução começou

por procurar aos alunos o que conheciam relacionado com Espanha. Em seguida apresentou as principais características emblemáticas do país, de modo a activar os conhecimentos quer da língua quer da cultura espanhola.

A segunda unidade “¿Quién Eres Tú?” do livro¹⁰ adoptado pela escola serviu para a professora conhecer melhor os alunos e estes através do uso da língua desenvolverem a competência comunicativa.

A professora tentou sempre ajustar os conteúdos aos interesses dos alunos, procurando deste modo motivá-los a participar espontaneamente. Assim, falar dos amigos e das suas características físicas e psicológicas, dos passatempos, das suas preferências musicais e desportivas, foram algumas das actividades que proporcionou. Neste contexto, trabalhou textos que apresentavam personalidades que os alunos bem conheciam, do cinema, da música e do desporto, despertando nos alunos a curiosidade de querer saber mais sobre os seus ídolos, desenvolvendo assim as competências necessárias para este nível de aprendizagem. Para a caracterização física usou a imagem da Nelly Furtado, que os alunos muito apreciaram, para a caracterização psicológica, utilizou a associação de imagens de animais ao adjetivo. Como por exemplo: “lenta como una tortuga”; “hablador como un loro”; “trabajador como una hormiga”, entre outras. Este tipo de exercícios permitiu uma assimilação mais rápida dos conteúdos, uma vez que este processo é facilitador das aprendizagens.

A meu ver, o professor deve ter a preocupação de trabalhar temáticas e actividades que vão de encontro aos interesses dos alunos, pois são esses aspectos que favorecem o processo comunicativo.

Sempre que mandava trabalhos para casa tinha o cuidado de os corrigir na aula seguinte, procurando perceber quais as dificuldades que os alunos apresentavam para assim poder actuar prontamente.

Diversificou estratégias de ensino procurando incentivar os alunos para uma aprendizagem mais dinâmica. Desenvolveu actividades de fonética, leitura expressiva, expressão oral e compreensão escrita. Os vários exercícios que foram trabalhados na aula estavam em grande parte relacionados com o desenvolvimento da competência comunicativa, de forma a levar os alunos a apreenderem e a valorizarem a língua espanhola.

¹⁰ *Español 1 Nivel Elemental*, 2008, p. 19-30.

Seleccionou textos, músicas, anedotas e contos, de forma a complementar o livro adoptado. Utilizou canções para trabalhar a compreensão oral, um exercício ao qual os alunos aderiram de imediato e mesmo os alunos mais agitados procuravam concentrar-se para compreenderem a música e preencherem os espaços em branco. Trabalhou a competência cultural através dos costumes e tradições de Espanha, principalmente as relacionadas com o Natal, o Carnaval e a Páscoa. No que diz respeito a este aspecto, destaco as actividades que trabalhou com os alunos por altura da época natalícia, depois de ter falado dos costumes espanhóis e das suas particularidades, desde o presépio, à noite de consoada, à noite de passagem de ano e ao dia de Reis. Mobilizou os alunos a escreverem uma carta a um dos Reis Magos, trabalhando assim a expressão escrita. Esta actividade consistia em acederem a um site espanhol,¹¹ onde podiam escrever a referida carta, que seria supostamente respondida por um dos famosos *Reys*. Deviam ainda imprimir a carta e a respectiva resposta com o objectivo de ser entregue à professora e lida à turma. Esta iniciativa entusiasmou os alunos e ajudou-os a perceber as vantagens de dominar os conhecimentos apreendidos, e contribuiu ainda para promover o gosto pela língua espanhola. Poder interagir, em situação real, com alguém que responde ao seu pedido, é sem dúvida uma excelente forma de cativar os alunos para uma aprendizagem mais útil da língua.

Nas últimas aulas do segundo período apresentou alguma da gastronomia espanhola, típica da Páscoa, procurando deste modo reforçar e valorizar o aspecto cultural junto dos alunos.

Quanto à competência linguística, esta foi desenvolvida na aula, sempre com o cuidado de estar associada a uma determinada actividade, nunca aparecendo separada do contexto trabalhado. Justificando deste modo a utilidade da gramática e minimizando as dificuldades e a aversão que muitos alunos apresentam relativamente à aprendizagem da mesma. Posso referir, como exemplo, que os adjectivos e os pronomes possessivos foram introduzidos numa actividade, onde eram necessários para identificar as relações familiares.

Ao longo deste percurso observei e constatei que, se o professor diversificar os seus métodos de ensino e procurar ir ao encontro dos interesses dos alunos, terá

¹¹ <http://www.terra.es/carta/carta/carta.htm>

certamente aulas mais dinâmicas e participativas e deste modo alunos mais interessados e motivados em querer aprender.

III. 3. A minha Prática de Espanhol

Após ter assistido a um número considerável de aulas, era altura de iniciar a minha prática de ensino. Assim, dando seguimento aos conteúdos que a orientadora tinha vindo a trabalhar, eu iria tratar o capítulo 4 do livro¹² adoptado pela escola. Esta unidade tratava a identificação dos espaços da escola, a descrição dos materiais escolares e as rotinas diárias. Ao planificar estas e outras aulas tive a preocupação de assegurar a avaliação de algumas competências, nomeadamente, a competência comunicativa. Pretendia que os alunos conseguissem compreender os textos, quer através da leitura, quer através dos áudios; interagir tanto com o professor, como com os seus pares e produzir textos, quer oralmente, quer por escrito. Desenvolvendo estas competências, eles estariam preparados para progredir na construção do seu próprio conhecimento. Enquanto planificava¹³ as aulas tive o cuidado de consultar o *Programa e a Organização Curricular de Espanhol para o 3º Ciclo do Ensino Básico*, que é peremptório em afirmar que “O paradigma metodológico por que se optou foi o comunicativo, já que ele privilegia um crescimento holístico do indivíduo, em que o aluno é o centro da aprendizagem, sendo que a competência comunicativa surge como uma macrocompetência, que integra um conjunto de cinco competências – linguística, discursiva, estratégica, sociocultural e sociolinguística – que interagem entre si.”¹⁴ Seguindo sempre as linhas orientadoras do referido programa procurei leccionar os conteúdos de forma clara fazendo sempre uma reflexão constante acerca dos melhores métodos de ensino para uma língua estrangeira.

Na minha opinião, a aplicação do *Enfoque por Tareas* é fundamental para a aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que assenta na competência comunicativa para a aprendizagem da língua à medida que o aluno vai realizando as actividades, vai desenvolvendo destrezas e vai adquirindo as capacidades necessárias para resolver uma tarefa final. Como refere o Marco Común Europeo de Referencia

¹² *Español 1 Nivel Elemental* 2008, p. 43-54.

¹³ No presente relatório a planificação encontra-se documentada no anexo 6, p. 65-66.

¹⁴ *Programa e Organização Curricular de Espanhol para o 3º Ciclo do Ensino Básico*, Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, 1997, p.5.

para las Lenguas (MCER), “Con el fin de realizar una tarea comunicativa, tanto en el entorno de la vida real como en el entorno del aprendizaje y de los exámenes, el alumno o usuario de la lengua utiliza también las competencias lingüísticas comunicativas (conocimientos y destrezas de carácter lingüístico, sociolingüístico y pragmático).”¹⁵ Deste modo, as competências e destrezas que o aluno domina serão fundamentais para o sucesso da realização de uma determinada tarefa.

Comecei por apresentar os vários espaços existentes na escola e descrever cada um deles, para que servissem e onde se encontravam. Procurei que os alunos interagissem entre eles, dizendo quais os espaços mais frequentados, e após revelarem as suas preferências utilizei o PowerPoint para apresentar os materiais que frequentemente usavam na escola, bem como a utilidade de cada um. À medida que ia apresentando os materiais explicava para que servissem e os alunos iam tomando nota nos seus cadernos. Pareceu-me útil introduzir as cores nesta unidade uma vez que ajudava na descrição dos objectos. Seleccionei vários elementos cujas cores lhes estavam associadas como por exemplo o morango para o vermelho, a cenoura para o laranja, o chocolate para o castanho, o sol para o amarelo, entre outros. As imagens apresentadas através de diapositivos eram de *animaciones em gif* e procurei que fossem apelativas de forma a prenderem a atenção dos alunos e facilitar através da visualização a sua compreensão e memorização. Como actividade para esta unidade usei as adivinhas. *¿Que Tiene la Caja?*¹⁶ Levei uma caixa onde coloquei vários papéis dobrados, que continham o nome de um objecto escolar. De seguida, chamei alguns alunos para retirarem um papel da caixa e sem dizer o nome do objecto, tinham de defini-lo aos restantes companheiros e estes tinham de adivinhar de que objecto se tratava. Cada aluno dispunha apenas de uma tentativa para adivinhar. Antes de iniciar a actividade e depois de definidas as regras do jogo, dei exemplos de algumas estruturas básicas, de forma a explicar aos alunos o que pretendia. Esta actividade foi bem aceite por todos e serviu para trabalhar algumas competências, tais como a linguística, a discursiva, estratégias de expressão oral e testar se tinham assimilado os conteúdos dados. No final, utilizei o computador para reproduzir uma canção¹⁷ sobre as cores para trabalhar o vocabulário e a compreensão oral. A tarefa proposta foi preencher os espaços em branco de uma ficha referente às

¹⁵ http://cvc.cervantes.es/OBREF/marco/cvc_mer.pdf p. 168.

¹⁶ No presente relatório encontra-se documenta esta actividade no anexo 7, p. 67.

¹⁷ Na impossibilidade de reproduzir em anexo a canção deixo o link para uma eventual audição: <http://www.youtube.com/watch?v=X8zmJNky5H4> - (*Todas las cosas tienen su color*)

cores à medida que ouviam a canção. A música é muito bem aceite pelos alunos e proporciona sempre um ambiente descontraído onde eles assimilam o vocabulário de forma natural. No seguimento desta actividade, e usando novamente como apoio o PowerPoint, trabalhei as horas. Optei por utilizar um relógio analógico animado, o qual me permitia interagir, no sentido de obter os vários horários pretendidos. Expliquei assim, as horas e as diferenças em relação à sua leitura em português. De seguida, fizemos exercícios com várias possibilidades de horários em que cada aluno dizia a hora que aparecia no diapositivo, promovendo deste modo a participação de todos os elementos da turma. Ensinei os dias da semana e as disciplinas, bem como os verbos reflexivos e alguns irregulares fundamentais para desenvolver a actividade seguinte, ou seja, cada aluno tinha que descrever a sua rotina diária e fazer o seu horário escolar. Estas actividades não foram pedidas sem que antes explicasse o que pretendia através de exemplos práticos que apresentei recorrendo mais uma vez à apresentação digital, com o objectivo de cativar os alunos através das imagens seleccionadas. No que diz respeito à competência gramatical introduzi além dos verbos reflexivos e irregulares, os artigos definidos e indefinidos e o plural dos nomes. Para tratar os verbos reflexivos propus a leitura e interpretação de um texto cujas personagens descreviam os conteúdos que pretendia trabalhar. Aproveitei o facto da aula seguinte ser de 45 minutos para fazer uma ficha de avaliação onde avaliei todos os conteúdos dados sobre esta temática. Dos resultados falarei mais à frente no tópico da avaliação.

Em todas as unidades didácticas procurei sempre trabalhar as quatro destrezas básicas da língua: compreensão oral e escrita e a expressão oral e escrita, sempre com a preocupação de desenvolver nos alunos as competências necessárias para interagir entre pares, valorizando sempre as vantagens de poder comunicar numa língua estrangeira.

Outra das temáticas que trabalhei foi o vestuário e os acessórios. O que implicava trabalhar algumas competências gramaticais como os adjectivos ordinais e cardinais para referir os preços dos produtos, os adjectivos e os pronomes demonstrativos bem como o grau comparativo dos adjectivos.

Comecei por apresentar vários diapositivos que reuniam inúmeras peças de vestuário e respectivos acessórios, seleccionei objectos coloridos e atractivos de forma a motivar os alunos para uma aprendizagem mais visual e directa, tendo sempre presente que se tratava de alunos do 7º ano cuja memória visual funciona muito bem e assim têm mais facilidade para aprender. Distribuí cópias pela turma com as imagens do vestuário

que iam visualizar, nas quais os alunos tinham de escrever o respectivo nome à medida que as iam visualizando no PowerPoint. Falámos dos vários tipos de tecidos, quando deveriam ser usados e em seguida pedi aos alunos que descrevessem o vestuário dos colegas e os acessórios que cada um levava.

Elaborei cartões¹⁸ com peças de vestuário e o respectivo preço em algumas das peças, de modo a que cada aluno pudesse perguntar ao seu par quanto custava um objecto que no seu cartão não tinha o preço. A actividade foi feita a pares e serviu para avaliar as destrezas da compreensão e expressão oral. No final usei a gravação de uma música¹⁹ que tratava o tema do vestuário e que preenchia os requisitos de avaliação da compreensão oral. A música escolhida foi trabalhada com o objectivo de consolidar o vocabulário e à medida que iam ouvindo a música iam preenchendo os respectivos espaços de uma ficha. Pude comprovar que ao sair da sala alguns alunos cantarolavam a música, sinal de que o vocabulário tinha sido assimilado.

Como complemento desta unidade, resolvi trabalhar na próxima aula *El Juego de Roles*, onde os alunos iriam representar o papel de vendedor ou cliente de uma loja. A actividade foi muito bem aceite pelos alunos, o que facilita sempre a sua concretização. O diálogo foi escrito em pares e depois apresentado aos restantes elementos da turma. Considero que trabalhar este tipo de actividades na aula é fundamental para que o aluno desenvolva as competências comunicativas necessárias para poder enfrentar a língua em situações reais. O MCER é concludente em afirmar que “Las tareas de aula, bien reflejen el uso de la «vida real», bien sean de carácter esencialmente «pedagógico», son comunicativas, ya que exigen que los alumnos comprendan, negocien y expresen significados, con el fin de alcanzar un objetivo comunicativo.”²⁰ Deste modo o principal objectivo prende-se com envolver activamente o aluno numa comunicação real.

O uso de actividades que permitam ao aluno aproximar-se da realidade são essenciais para que ele valorize e perceba que os métodos usados em aula são realmente importantes para comunicar numa língua estrangeira. Deste modo, e sempre que se justifique, praticar situações do quotidiano em ambiente de sala de aula é sem dúvida uma forma de promover e incentivar a aprendizagem dos nossos alunos. Os diálogos

¹⁸ No presente relatório os cartões encontram-se documentados no anexo 8, p. 68.

¹⁹ Na impossibilidade de reproduzir em anexo a canção deixo o link para uma eventual audição <http://www.youtube.com/watch?v=rwWG2wheNhs> (¿Qué me pongo mami, qué me pongo?)

²⁰ http://cvc.cervantes.es/OBREF/marco/cvc_mer.pdf p. 168

apresentados demonstraram alguma preocupação em fazer um trabalho sério e bem estruturado, ainda que com alguns erros, aceitáveis do ponto de vista do discurso.

No final desta unidade achei pertinente realizar um teste que avaliasse os conteúdos que tinham sido trabalhados. Esta avaliação serviu não só para testar o conhecimento dos alunos como também para comprovar se os métodos por mim utilizados tinham sido eficazes. A meu ver estes momentos servem para o professor reflectir sobre a sua prática e caso seja necessário deve corrigir ou adequar os seus métodos de trabalho, de modo a obter os resultados pretendidos. Aproveitando ser a aula seguinte era de 45 minutos, entreguei e corrigi as fichas de avaliação escrita; no final comentei os resultados e esclareci todas as dúvidas que ainda existiam.

Além dos quatro blocos de 90 minutos e dois de 45 minutos dei ainda mais três aulas devido ao facto de a professora Manuela Furtado ter ficado doente. Um bloco de 45 minutos à minha turma que eu já bem conhecia e um bloco de 90 minutos à direcção de turma da orientadora, com os quais nunca tinha trabalhado, apenas tinha assistido a algumas aulas. Estas aulas tinham a particularidade de não ter a orientadora a observar e a avaliar o meu trabalho. No entanto assumi as responsabilidades de qualquer professor que vai substituir um colega e apesar da autonomia que possuía não alterei nem o meu comportamento nem os métodos de ensino. Na aula da minha turma, o 7º D, iniciei a unidade 11 do livro²¹ *¿Y dónde está tu casa?* Para além de ter trabalhado os exercícios do livro que consistiam em descrever e identificar os locais mais importantes de uma cidade e indicar, através de um mapa as direcções possíveis para chegar a um determinado local, elaborei uma lista com o vocabulário necessário para descreverem o percurso desde sua casa até à escola. Cada aluno apresentou aos restantes companheiros o seu trajecto diário, desenvolvendo assim uma tarefa simples e de forma autónoma. Apesar de alguns alunos demonstrarem alguma dificuldade em explicar como chegavam à escola, não dominando as competências linguísticas necessárias para prosseguir com o seu discurso, mobilizei-os a encontrarem formas alternativas para dizer o que pretendiam, obrigando-os deste modo a desenvolver estratégias de comunicação para solucionar os seus problemas quer a nível gramatical, quer léxico. Pretendia com este exercício capacitar o aluno para, numa situação real, saber dar indicações de como chegar a um determinado local.

²¹ *Español 1 Nivel Elemental*, 2008, p. 127-138.

No que concerne à aula do 7ºE dei seguimento ao trabalho da professora Manuela Furtado e terminei a unidade que ela estava a trabalhar sobre as lojas, as suas actividades e os respectivos produtos. Comecei por apresentar à turma a diversidade de lojas existentes e dei exemplos concretos de alguns produtos que lá podíamos encontrar. De seguida, apresentei uma actividade lúdica que consistia no seguinte: eu dizia o nome de um produto e o aluno que eu indicasse tinha que dizer qual a loja onde o podíamos comprar. Caso não respondesse correctamente, ou demorasse muito tempo a responder era eliminado e não podia continuar a jogar. O objectivo do jogo era promover a oralidade e praticar o vocabulário e a pronúncia, bem como testar a capacidade do uso rápido e fluente da língua apreendida. Na minha opinião, o envolvimento dos alunos neste tipo de actividade é muito produtivo, pois sentem-se mais motivados para participar. O dinamismo desta actividade permitiu-me uma aproximação mais rápida à turma.

Acresce ainda dizer que, com o objectivo de melhorar a fluidez do discurso e aperfeiçoar a pronúncia dos discentes, recorri a um exercício de compreensão oral, para o qual tive o cuidado de seleccionar uma gravação com falantes nativos. O exercício tinha como finalidade completar diálogos ocorridos em distintas lojas. Após uma primeira abordagem ao texto, passei uma segunda vez a gravação para preencherem os espaços e uma terceira para verificação dos resultados. Além do diferente vocabulário que foi surgindo nos vários diálogos, achei pertinente fazer uma lista com frases modelo que permitissem auxiliar o aluno na execução de um diálogo. Assim, com a participação de todos, desde a saudação à despedida, construímos, uma matriz para trabalhar possíveis diálogos em qualquer loja.

O momento seguinte foi dedicado, primeiro à produção de um texto escrito – o diálogo – e depois à preparação de uma pequena encenação. Esta actividade foi feita em pares, onde um era o vendedor, e outro o cliente, e serviu para trabalharem as estratégias comunicativas necessárias para actuarem numa possível situação real. Cumprindo assim o *Programa e a Organização Curricular de Espanhol*, que afirma que: “Se partirmos do princípio que a comunicação é a nossa meta final, deveremos levar os alunos a comunicar na língua estrangeira, criando situações de comunicação tão autênticas quanto possível, que recubram os aspectos socioculturais a que estão

associadas,”²² capacitando assim os alunos a comunicarem em situações normais do dia-a-dia.

Desta forma, e de acordo com o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, procurei trabalhar as competências essenciais para línguas estrangeiras, promovendo a comunicação, nomeadamente ao “explorar as oportunidades de relação interactiva, na sala de aula, para praticar a interacção verbal; cooperar, de forma produtiva, na realização de tarefas em grupo; mobilizar, de entre os recursos disponíveis, aqueles que, num determinado contexto, permitem a resolução de problemas de comunicação imprevistos, a adaptação a situações novas.”²³

Ao longo das aulas que leccionei os alunos participaram activamente nas actividades propostas e aderiram bem à utilização dos recursos utilizados. Valorizaram particularmente a aprendizagem associada à imagem, devido à forte memorização visual nestas idades, e as simulações que os aproximavam da realidade.

No que diz respeito ao comportamento, a turma era agitada e desorganizada, o que por vezes tornava difícil a aplicabilidade de algumas tarefas. Esse comportamento exigiu da minha parte uma atenção redobrada, de forma a garantir o bom funcionamento da aula. Assim, nas primeiras aulas trabalhei as atitudes e os comportamentos da turma. Para tal, foi necessário lembrar os alunos para levantarem a mão e não falarem todos ao mesmo tempo, bater com a caneta na mesa e algumas vezes elevar o tom de voz para pedir silêncio. Este processo foi gradual e o comportamento da turma melhorou consideravelmente. No final, já nem o Bruno, que era um aluno hiperactivo, conseguia destabilizar a estrutura do grupo. No que diz respeito à turma da professora Manuela Furtado e apesar de ter trabalhado com ela apenas 90 minutos, destaco o facto de ser uma turma interessada e participativa e no que toca ao comportamento, uma turma calma e organizada e por isso mais fácil de trabalhar.

III. 4. Estratégias de mobilização (Espanhol)

O aluno sente-se parte integrante do processo de construção de conhecimentos sempre que é convidado a intervir, deste modo cabe ao professor mobilizá-lo, envolvendo-o directamente nas actividades que apresenta. Assim, enquanto professora

²² *Currículo Nacional do Ensino Básico*, p. 29.

²³ Idem, p.54.

estagiária da disciplina de Espanhol procurei mobilizar os alunos a integrarem alguns projectos que na minha opinião ajudaram a promover a participação dos mesmos. Além dos diálogos entre vendedor e cliente que simulavam comunicações próximas da realidade e estimulavam os alunos a participar pela sua vertente prática, fui, de acordo com os conteúdos do programa, apresentando propostas que os alunos prontamente aceitaram. Assim, e no seguimento da minha actividade sobre a descrição de um objecto sem dizer o nome, propus que eles fizessem a definição de um objecto escolar à escolha de modo a produzir a tradicional adivinha.²⁴ Importa realçar que notei uma certa satisfação nos alunos cuja definição era difícil de adivinhar. Está provado que os jogos, adivinhas e pequenas interpretações, entre outras, além de desenvolverem a competência comunicativa, motivam os alunos a participar e a melhorarem o seu desempenho.

Propus também a elaboração de pequenos diálogos em grupos de dois para trabalhar as rotinas, usando as horas e os verbos. Cada aluno foi mobilizado para fazer o seu horário lectivo, cujo incentivo era afixar na sala de aula o horário mais bem elaborado e mais apelativo.

Outra actividade prendia-se com o facto de desenharem o mapa e descreverem o percurso que faziam diariamente para vir para a escola e posteriormente explicar à turma o seu trajecto diário.

Seguindo como exemplo a actividade que eu apresentei e trabalhei na aula pedi, aos alunos que em grupos de dois elaborassem pequenos cartões de cartolina²⁵ com seis peças de vestuário cada um e com o respectivo preço alternado para poderem trabalhar o cartão com o colega. Como resultado tínhamos dois cartões com as mesmas imagens mas com os preços impressos de forma alternada, o objectivo era perguntar ao seu companheiro quanto custava um objecto que no seu cartão não tinha preço e assim trabalharem o vocabulário e os números.

Solicitei ainda a elaboração de um glossário temático que abordasse os temas tratados nas minhas aulas, nomeadamente, o material escolar, as cores, os dias da semana, os verbos reflexivos associados às rotinas, o vestuário e os respectivos acessórios. Todos foram cumpridores e apresentaram glossários bem elaborados e com imagens apelativas.

²⁴ No presente relatório estas adivinhas encontram-se documentadas no anexo 9, p. 69.

²⁵ No presente relatório estes cartões encontram-se documentados no anexo 10, p. 70.

Por último, mobilizei os alunos a participarem num concurso *Quem Quer Ser Milionário*.²⁶ Este desafio implicava que a minha turma tinha de competir com outra turma de Espanhol, o que motivou ainda mais os alunos a aceitarem o desafio. Após falar com a minha orientadora, que de imediato aprovou a minha iniciativa, ficou decidido que seria a turma dela que iria competir com a minha. Depois de elucidar todos os alunos do que realmente pretendia e quais as regras do concurso, solicitei a elaboração de um cartão por aluno. O objectivo principal das duas turmas era dificultar o grau de exigência das perguntas, uma vez que o 7º D iria responder às perguntas do 7ºE e vice-versa. Apesar de alguns cartões terem perguntas repetidas, e depois de corrigir alguns erros de ortografia, posso afirmar que obtive um elevado número de cartões com perguntas muito interessantes, quer de uma turma quer de outra. Com o propósito de permitir a participação de todos os elementos da turma, pedi que cada turma formasse grupos de seis e cada grupo respondia a uma ronda, com uma média de dez perguntas por ronda. O concurso realizou-se na *Semana das Interculturas*. As turmas debateram-se até ao final com garra e entusiasmo e confesso que apesar de a minha turma (7ºD) ter perdido, acredito que o esforço, o empenho e a motivação dos alunos em quererem ganhar esta saudável competição, são motivos mais que suficientes para no futuro continuar a apostar neste tipo de iniciativas.

O objectivo destas actividades era, além de trabalhar várias competências, tais como a linguística, a sociolinguística e a pragmática, desenvolver nos alunos a compreensão e a expressão quer oral, quer escrita, bem como consolidar os conhecimentos aprendidos.

Ao longo das aulas que leccionei procurei mobilizar os alunos para uma aprendizagem mais prática, direccionada para situações reais de uso da língua, corroborando assim a ideia de Cabero para quem “una enseñanza que [...] sea capaz de ofrecer a los estudiantes una mayor amplitud de experiencias, entornos y estímulos, es [...] una enseñanza potenciadora de calidades para el aprendizaje”.²⁷

²⁶ As perguntas usadas nesta actividade encontram-se no anexo 11, p. 71.

²⁷ Cabero 1995, p. 50.

III. 5. Estratégias de Motivação nas aulas de Espanhol

III. 5. 1. O uso das TIC na sala de aula

A meu ver, a interacção entre professor e aluno fica mais rica sempre que o docente recorre às Tecnologias de Informação e Comunicação. Deste modo, as expectativas dos alunos são mais elevadas, uma vez que a percepção de que é possível adquirir conhecimento associando imagens ou breves enunciados aos conteúdos exigidos pelo professor fica assim mais facilitada.

A apresentação de diapositivos na aula exige uma planificação muito mais cuidada, uma vez que tem de ser clara e objectiva. Esta não deverá ser muito extensa, pelo contrário, deverá apenas centrar-se no essencial e destacar a informação que o professor considera pertinente para expor em aula, de modo a permitir ao aluno que siga os conteúdos enumerados pela apresentação do PowerPoint que devem em simultâneo ser devidamente explicados pelo docente.

Procurei usar sempre apresentações atractivas e actualizadas, de modo a provocar nos alunos reacções ao que observavam, sem nunca descurar a verdadeira função deste tipo de apresentações. Assim, à medida que expunha os conteúdos tentava em simultâneo elucidar os discentes sobre o tema em desenvolvimento, fazendo sempre referência a todos os aspectos que considerava necessários e imprescindíveis para um perfeito alargamento do saber.

Pretendi sempre ser criativa e apelativa na forma como apresentei os conteúdos aos alunos, de modo a captar a sua atenção. Considero que o professor deve ter sempre como estratégia o factor motivação, e encontrar formas de cativar o interesse dos alunos, procurando sempre transformar os conhecimentos obrigatórios e necessários, fundamentais para uma boa aprendizagem, numa forma clara e agradável para quem tem de os aprender. Assim, tendo em conta a faixa etária da turma de Espanhol, recorri com frequência a apresentações divertidas, com efeitos sonoros e animados, sem nunca descuidar a seriedade dos assuntos a tratar.

A diversidade de abordagem dos vários temas é infinita, e cabe ao professor saber gerir de forma adequada e consciente as que melhor servem os interesses dos seus alunos.

Os materiais escolhidos, sejam eles adaptados ou construídos pelo docente, são ferramentas indispensáveis para o sucesso de uma aula. Esta escolha deve ser criteriosa,

e deve sugerir reflexões úteis e interessantes a quem as recebe. O professor deve esforçar-se por fazer sentir ao aluno que o conjunto de propostas diariamente apresentado à turma foi para ela concebido, de maneira a que a turma valorize a dedicação do professor.

O docente deve apresentar argumentos que facilitem a compreensão e aceitação dos alunos para as tarefas aplicadas em sala de aula, permitindo deste modo que eles adiram melhor às actividades propostas. Considero que uma actividade não deve ser imposta, sem que antes seja devidamente explicada aos interessados, ou seja, os alunos, para quem esta foi pensada e criada. Deste modo, acredito que os alunos estarão mais receptivos à execução da tarefa a realizar.

Capítulo IV - Avaliação

Considero que avaliar deve ser muito mais do que atribuir uma nota. Avaliar deve servir, antes de mais, para estimular o aluno a melhorar, a fazer melhor, ajudando-o desta forma a atingir um bom desempenho e a crescer no seu percurso.

O aluno deve progredir de forma autónoma, mas sempre com a certeza que o professor está e estará sempre disponível para o ajudar a subir mais um degrau. O trajecto deve ser feito por etapas e, a meu ver, o professor deve motivar o aluno a alcançar as suas metas, consciencializando-o e ajudando-o a crescer, preparando-o, assim, para futuros desafios.

IV. 1. Avaliação do 11º B de Português

As classificações obtidas no primeiro período foram boas, oscilando entre os doze e os dezoito valores, não havendo nenhum nível negativo. No segundo período fui chamada a corrigir parte do teste em conjunto com o orientador. Num segundo momento pediu-me que elaborasse o teste sobre a educação em *Os Maias*.²⁸ Teste esse que não só elaborei como também corrigi e me permitiu ter uma noção clara da dificuldade de avaliar conteúdos e competências.

²⁸ No presente relatório este teste encontram-se documentadas no anexo 12, p. 72-73.

Estas correcções foram entendidas por mim como mais um forte contributo para o meu processo de construção pessoal e profissional. Apesar de já ter alguma experiência de ensino noutra outra área onde avaliava competências muito mais práticas, o que me retirou em parte a ansiedade do primeiro contacto com a avaliação. Se existem disciplinas cuja avaliação de conteúdos é feita de forma mais objectiva, não é exactamente isso que acontece com o Português. A subjectividade inerente às questões de literatura implica respostas distintas, umas mais estruturadas e objectivas, outras mais sintéticas ou desenvolvidas, umas mais agradáveis de ler que outras, mas quase todas elas válidas.

Assim, senti necessidade de consultar alguns documentos do Ministério da Educação, nomeadamente exames nacionais de Português do GAVE²⁹ e respectivos critérios de correcção, para poder esclarecer as várias dúvidas, inevitáveis para quem, acima de tudo procura ajustar os métodos de trabalho dos seus alunos aos moldes do que é solicitado pelo Ministério da Educação aquando da realização do Exame Nacional. Segui o exemplo e distribuí a pontuação pelas diferentes etapas de resolução, sem descuidar os factores de desvalorização no domínio da correcção linguística.

O rigoroso processo de avaliação é, a meu ver, um dos momentos mais complexos da carreira docente e que levanta questões importantes para o professor em formação, e que devem ser tidas em conta ao longo do seu percurso profissional de modo a nunca deixar de ser sério e rigoroso.

Então, como avaliar as várias competências desta área curricular? É preciso saber se o aluno sabe analisar e interpretar textos; se sabe expor e articular bem as ideias; se utiliza de forma pertinente o vocabulário que domina. As dúvidas eram muitas. Como classificar questões com respostas muito parecidas? Ou como distinguir testes que apesar de apresentarem alguns erros ortográficos, oferecem uma construção bem estruturada e uma leitura agradável? Estas e outras questões levaram-me mais que uma vez a comparar os vinte e oito testes da turma, com receio de ser injusta na sua correcção. Acredito que este processo deve ser melhorado e aperfeiçoado ao longo da minha carreira e pretendo investir muito nesta matéria, de modo a ser sempre justa e rigorosa e a ultrapassar as incertezas e as hesitações que me perturbaram em alguns momentos.

²⁹ http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=99&fileName=portuguesb239_pcf1_07.pdf

No segundo teste que além de corrigir também elaborei, senti a mesma responsabilidade de avaliar conteúdos e competências de forma justa e rigorosa. No entanto, já tinha alguma experiência e tinha os comentários do orientador à minha prestação anterior que muito me ajudaram nesta etapa. Os critérios de correcção foram desta vez elaborados por mim, o que se traduzia num maior envolvimento da minha parte. O teste que elaborei foi devidamente planificado, desde a estrutura aos conteúdos e competências a avaliar. Procurei cumprir, não só os requisitos impostos pelo orientador, como também a exigência a que os alunos estavam habituados. Os resultados foram muito positivos, houve apenas um resultado inferior a dez valores, os restantes testes situaram-se entre os doze e os dezoito valores, sendo que mais de cinquenta por cento dos alunos obtiveram uma classificação acima dos quinze valores.

IV. 2. Avaliação do 7º D de Espanhol

A avaliação deve ser contínua e o aluno deve encará-la como parte natural do seu percurso escolar. O professor deve conduzir a aprendizagem de modo a poder avaliar os progressos dos seus alunos. Na minha opinião, deve ser vista como um momento de reflexão quer para o aluno quer para o docente. Permitindo deste modo ao professor a possibilidade de repensar os métodos utilizados e ao aluno desenvolver os mecanismos adequados para melhorar a sua prestação futura. No que toca a este aspecto, após ter dado os primeiros dois blocos de aulas decidi fazer um *Inquérito*³⁰ aos alunos, de modo a obter uma avaliação ao meu desempenho. Este documento foi importante para eu perceber se as metodologias por mim utilizadas estavam realmente a ser compreendidas e aceites pelos alunos. Na análise que fiz dos resultados, constatei que num conjunto de 27 alunos, 26 responderam que a professora explicou bem os conteúdos; todos os alunos responderam que os PowerPoints utilizados nas últimas aulas foram importantes para entender melhor a matéria e 24 alunos concordaram que fazer actividades na aula logo a seguir aos conteúdos leccionados foi importante para consolidar conhecimentos. Estes resultados apontam para não haver necessidade de reajustar os meus métodos de trabalho na sala de aula.

Numa análise geral aos resultados da disciplina de Espanhol, o 7º D foi do conjunto das três turmas a que apresentou mais níveis negativos no primeiro período,

³⁰ No presente relatório este documento encontra-se documentado no anexo 13, p. 74.

cerca de três. No entanto, no segundo período os alunos conseguiram subir para níveis positivos. Esta recuperação deveu-se ao facto da professora de Espanhol ter proposto estes alunos para o *Espaço SOS Espanhol*, onde tinham apoio duas vezes por semana.

No que diz respeito à minha prestação neste domínio, procurei estar mais atenta às dificuldades apresentadas por estes alunos, passando com alguma frequência pela carteira de cada um no sentido de esclarecer as eventuais dúvidas que pudessem surgir. Assim, com o objectivo de avaliar os conteúdos aprendidos pelos alunos e testar a minha prestação docente, no final de cada unidade elaborei uma ficha de avaliação³¹ que resumia os vários conteúdos trabalhados em sala de aula. Deste modo, pude avaliar várias competências como a compreensão e interpretação do texto, questões gramaticais e lexicais, entre outras. Ao longo da correcção fui anotando as perguntas que os alunos tiveram mais dificuldades em responder, de modo a que quando a correcção fosse feita na aula, pudesse focar essas questões e tentar perceber qual o motivo dessas falhas.

No que diz respeito ao aluno com necessidades educativas especiais, os momentos de avaliação tiveram critérios diferentes, decididos e aprovados pelo conselho de turma, que foram ao encontro das exigências específicas do aluno.

Quanto aos resultados obtidos posso afirmar que foram bons - na primeira ficha houve três níveis negativos mas na segunda houve apenas um.

³¹ No presente relatório esta ficha encontra-se documentada no anexo 14, p. 75-77.

Capítulo V - Mobilização dos alunos na construção do seu próprio conhecimento

“Diz-me e eu esquecerei,
Ensina-me e eu lembrar-me-ei,
Envolve-me e eu aprenderei.”

Provérbio chinês

Este provérbio traduz bem a realidade dos alunos ao serem ou não envolvidos em eventos, projectos ou actividades ao longo do seu percurso escolar. Se o aluno for envolvido, ao ponto de se sentir parte activa do processo de aprendizagem, estará mais disponível para se entregar de forma plena às várias actividades e projectos propostos pelo professor. Este, por sua vez, deve estimular a participação dos alunos, pois quando a responsabilidade é partilhada os alunos aderem mais facilmente ao que lhes é pedido. Em geral, os alunos continuam a não desenvolver as competências essenciais necessárias de modo a promover sua própria aprendizagem e autonomia. É fundamental que o professor desenvolva junto deles capacidades e métodos de aprendizagem que os direccionem para uma pesquisa mais abrangente e os preparem para o desempenho de uma grande diversidade de tarefas, estando assim a ajudá-los a concretizarem os seus objectivos.

O professor deve levar o aluno a recorrer ao método indutivo, a fim de implementar uma pedagogia pela descoberta, se for o aluno a procurar soluções, a pesquisar alternativas, a dar o seu contributo para o desenvolvimento de um projecto, vai sentir-se parte dele e deste modo a sua prestação será muito melhor. É fundamental que os alunos desenvolvam competências de auto-aprendizagem, o professor deve apenas orientá-los e apoiá-los no seu processo de aprendizagem e saber dar resposta aos seus desafios educativos. Penso que o aluno deve ser considerado um agente activo no processo de aprendizagem, superando deste modo a ideia de que o professor funciona como mero transmissor de conhecimento e o aluno como mero receptor. Partilhando assim a ideia de que “Não basta que a escola assegure a transmissão do saber, mas ela própria deve incentivar a recriação-criação do saber. O papel do professor deixa de ser

essencialmente o de transmissor para se tornar o organizador da aprendizagem e o estimulador do desenvolvimento cognitivo e socioafectivo do aluno.”³² Assim, o professor deve proporcionar um ambiente de aprendizagem para estimular o aluno a desenvolver as suas capacidades e a sua autonomia. Para tal, deve estar consciente das dificuldades inerentes a esta complexa tarefa do ensino: motivar os alunos em contexto de sala de aula.

É importante que o professor conheça os alunos e os seus interesses de modo a procurar encaixá-los no programa, já que é mais fácil trabalhar indo ao encontro dos seus interesses e preferências, estando assim à partida motivados para a proposta apresentada pelo professor. Implicando os alunos, estes trabalharão de forma mais motivada já que as actividades propostas foram escolhidas por eles e serão certamente do seu agrado, daí o envolvimento por parte deles ser maior.

Acredito que se os alunos forem envolvidos na criação de materiais, em actividades ou em projectos que terão de apresentar aos seus companheiros, ou que simplesmente sirvam de base ao seu estudo, sentir-se-ão parte essencial do processo de aprendizagem e deste modo estarão mais motivados e receptivos à aquisição dos conteúdos propostos pelo docente. Considero que desta forma todos ficarão a ganhar, por um lado os alunos estarão mais receptivos e mais propensos à aprendizagem e por outro lado o professor terá à sua frente alunos dispostos a aprender e a produzir. Só envolvendo realmente os alunos numa determinada actividade ou tarefa eles a podem interiorizar e desenvolver, transformando-a assim em algo que é seu, que lhes pertence como um saber adquirido. Assim “Piaget salientou que nenhuma aprendizagem é significativa se não envolver activa e intimamente o sujeito, sendo esta mais uma marca de uma orientação para a autonomia do sujeito. A seu ver, uma verdade aprendida sem ser reinventada pelo estudante que a aprende não é aprendizagem nenhuma, algo que nenhum pedagogo ousará desafiar.”³³

A pedagogia deve assentar na responsabilização dos alunos, deve envolvê-los de modo a criarem e alargarem os seus conhecimentos. É importante o aluno sentir que a participação na construção do seu próprio saber é fundamental para desenvolver o seu processo de aprendizagem e consolidar conhecimentos ao longo do seu percurso. Esta

³² Estrela, 1992, p. 39.

³³ Lourenço, 2005, p. 65 citado por Ornelas, 2009.

participação dos alunos deve ser valorizada não só pelo professor como também pelo aluno, de modo a que se sinta consciente da importância que o seu desempenho poderá ter na construção do seu futuro, já que vai contribuir para reforçar a sua confiança, autonomia e responsabilidade.

O aluno deve “aprender fazendo”. Assim, vai sentir-se mais interessado, porque se vai envolver e participar e, à medida que as dúvidas lhe forem surgindo, vai reter a forma que utilizou para as ultrapassar. Cabe ao professor incentivar os alunos a participar, a intervir, permitido assim ao aluno realizar as suas próprias experiências. Deste modo, o aluno vai sentir-se mais empenhado do que se a actividade fosse apresentada por terceiros, vai senti-la como sua e vai certamente valorizá-la mais. Ao professor compete orientar o aluno neste percurso, isto porque o papel do professor “[...] no equivale al de instructor, sino al de inductor y consejero que ayuda a aclarar las posturas, resolver dificultades, fomentar la comunicación y elaborar planes. Se trata básicamente de un papel reflexivo, de colaborador con los alumnos para comprender el problema y buscar el mejor camino para resolverlo y con ello mejorar su proceso de estudio.”³⁴ O professor não deve caminhar pelo aluno, deve sim orientá-lo e capacitá-lo para que ele construa o seu próprio caminho. O aluno vai seguramente encontrar dificuldades, ultrapassar obstáculos, e descobrir outras possibilidades, mas deve estar sempre consciente de que o professor estará sempre presente para o ajudar a crescer e para lhe indicar outras saídas. Deste modo, o aluno vai ganhar confiança para progredir sem medo e vai sentir-se preparado para futuros desafios.

O professor deve dinamizar as aulas, de forma a envolver os alunos, promovendo situações de reflexão e procurando sempre desenvolver estratégias apelativas. Considero que a interacção entre professor e aluno na sala de aula é essencial para motivar o aluno na construção de novos conhecimentos. O professor deve procurar abordar temas actuais indo ao encontro das suas experiências e expectativas. Penso que é importante adaptar o programa aos interesses dos alunos, e é fundamental envolvê-los em simulações que os direccionem para possíveis situações reais, permitindo-lhes assim experimentar envolverem-se em situações práticas do dia-a-dia, sensibilizá-los para a sua importância e conduzi-los em direcção a uma aprendizagem mais sólida. A meu ver, a simulação é importante como metodologia que leva o aluno a participar e a construir

³⁴ Puiggròs, 2001, p.13.

melhor o seu processo de aprendizagem. “Por ello consideramos que la simulación desde el punto de vista social, puede ser útil para: desarrollar la capacidad para imaginar hoy y para representar la realidad del futuro, para ensayar estrategias de enfrentamiento con la realidad, aprender a tomar decisiones, aprender a resolver problemas, aprender a planificar en contextos con cierto desorden o incertidumbre, o para aprender técnicas creativas para descubrir alternativas a un problema dado.”³⁵ Deste modo, parece-me fundamental o uso desta prática na aprendizagem de uma língua estrangeira. Se o aluno aprende e aplica de imediato o que aprendeu, não só reconhece a utilidade desta aprendizagem como também se sente motivado a desenvolvê-la numa situação real. Por isso, considero importante que sempre que possível o aluno seja confrontado com situações de uso real da língua, pois acredito que esta metodologia vai ser favorável a que tenha um bom desempenho quer em contexto de sala de aula, quer numa situação de uso real da língua.

O professor deve incentivar o aluno a participar, transmitindo-lhe confiança, reforçando a sua prestação e assegurando-lhe que existem estratégias que pode utilizar de modo a contornar as situações que não domina tão bem. A construção do conhecimento depende da actuação do aluno, do modo como ele organiza e constrói a sua aprendizagem “Y si el estudiante selecciona, organiza y elabora los conocimientos - es decir, utiliza estrategias -, el aprendizaje deja de ser repetitivo para ser constructivo y significativo,”³⁶ isto porque houve por parte do aluno uma necessidade de reinventar o que aprendeu, de colocar algo de seu nos conteúdos adquiridos, houve uma apropriação pessoal do saber. Temos hoje ao nosso dispor várias ferramentas que permitem desenvolver aprendizagens mais apelativas e que vão ao encontro dos interesses dos alunos. Exemplo disso é a plataforma Moodle:

“[...] uma base de aprendizagem virtual que envolve diferentes ambientes de aprendizagem: a sala de aula e a casa. É uma ferramenta para a concepção de metodologias activas através da Web que está ao serviço do ensino-aprendizagem. Pode levar a alterações profundas na optimização do ensino, já que transforma o modelo pedagógico de transmissão de informação para a construção do conhecimento, pela

³⁵ Puiggròs, p. 23.

³⁶ Llera, 2003, p. 57.

participação activa e responsável do aluno no processo de aquisição de conhecimentos e pela interactividade, factor determinante para o sucesso do ensino.”³⁷

Esta ferramenta, cuja informação disponibilizada é construída pelo orientador do processo, permite ao aluno interagir de forma lúdica ou mais formativa quer na aquisição de conhecimentos, quer na (auto) avaliação do seu próprio saber, seja na sala de aula ou em casa, já que faculta o diálogo com o professor ou os colegas através do *chat* que a plataforma disponibiliza. E pode ainda facultar respostas às suas dúvidas, tomando sempre como aliadas as novas tecnologias que todos os alunos dominam e apreciam. Pode ainda apresentar e partilhar o resultado das aprendizagens expondo os trabalhos. Esta metodologia vai tornar o aluno autónomo e responsável pelo seu próprio progresso nas aprendizagens.

Na minha opinião, o professor deve fazer a sua autoavaliação, reflectindo sobre o seu desempenho. O professor nem sempre investe devidamente na planificação de aula, outras vezes, a turma não corresponde conforme seria esperado, ou porque a estratégia usada não cativa os alunos, ou simplesmente porque os conteúdos em estudo não são do seu interesse. No fundo, ele é apenas uma parte do processo de ensino e aprendizagem.

Ao longo do relatório apresento várias estratégias de mobilização que trabalhei com os alunos com o objectivo de os ajudar a construir o seu próprio saber. Em todas elas pude verificar o envolvimento e a entrega dos alunos nas actividades e as tarefas propostas, assumindo-as como suas. Assim, acredito que se procurarmos, sempre que seja exequível, adaptar o programa ao interesse dos alunos e envolvê-los o mais possível em construções, actividades ou projectos, estes vão interiorizar melhor os conteúdos, vão querer colaborar mais e vão estar mais predispostos para a aprendizagem porque vão certamente senti-la de outra forma.

As minhas reflexões

Ao longo do meu ainda curto percurso profissional tive a oportunidade de passar por algumas escolas e de conhecer um elevado número de alunos. Fui encontrando distintas realidades e percebendo que ser professor é muito mais do que ser um mero

³⁷ Flores, 2007, p. 500.

transmissor de conhecimentos. Ser professor é orientar e mobilizar os alunos para a construção do seu próprio saber, é valorizar o trabalho autónomo e estimular a sua participação, ajudá-los a desenvolver competências de auto-aprendizagem e é ter a capacidade de implementar novos conhecimentos e de procurar estratégias que motivem o aluno a pesquisar, a querer saber mais, de modo a facilitar a sua aprendizagem, é não ser indiferente às diferenças dos seus alunos e é ser parte do sucesso de cada um deles.

Em todas as escolas por onde passei, uma em Alhos Vedros, outra em Odivelas e três em Lisboa, fui tendo a mesma percepção. Testemunhei um número considerável de alunos que, por mais diferenças que apresentassem entre si, partilhavam carências, quer materiais, quer principalmente afectivas e muitas vezes esperavam do professor muito mais do que um simples transmissor de conhecimentos. Na minha experiência de ensino encontrei alunos sem estrutura familiar cujo sucesso na aprendizagem estava inteiramente comprometido, já que o ambiente familiar influencia inevitavelmente o desempenho dos alunos. Encontrei percursos escolares marcados por inúmeras retenções, com graves problemas de indisciplina, a par do desinteresse e da indiferença que muitos alunos mostravam pela escola. Posso referir que tinha turmas em que, se estivesse a dizer quais os conteúdos que iam sair para o teste e tocasse para o final, eles simplesmente saíam da sala não demonstrando nenhum interesse em anotar os referidos conteúdos.

A falta de assiduidade e pontualidade era também um problema visível. Isso obrigava-me a fazer vários testes de recuperação ao longo do ano. Esta problemática exigiu de mim um maior desdobramento, para o qual não estava de todo preparada. Deparei-me com alunos que não sabiam entrar, nem estar em sala de aula, não sabiam ouvir nem esperar pela sua vez para falar. Foi necessário ajudá-los a adquirir competências sociais. Conciliar o ensino de conteúdos e trabalhar intensamente atitudes e comportamentos, foi para mim um grande desafio. Assim, procurei estar atenta às diferenças de cada aluno e tentei dar respostas adequadas à singularidade dos seus problemas, procurando conhecer sempre os seus contextos e realidades para deste modo poder intervir prontamente. Contudo, nem sempre o consegui fazer. Houve alunos que simplesmente desistiram, que optaram por outros caminhos, que deixaram de acreditar na escola e no que ela pode oferecer. Acredito que valeu a pena trabalhar e dedicar-me aos que ficaram, e estou consciente de que os ajudei a crescer como cidadãos.

Outra das realidades que encontrei, e que é já uma constante nas nossas escolas, foi a enorme diversidade cultural. No Agrupamento de Escolas de Gil Vicente, onde estive colocada no ano anterior, é já frequente e habitual o elevado número de alunos de várias nacionalidades que anualmente faz a sua matrícula. Esta escola tem uma excelente política de acolhimento a alunos estrangeiros e tem vindo a fazer um grande investimento nesta área, de modo a facilitar a aprendizagem da língua portuguesa e a compensar os alunos nas eventuais lacunas curriculares, através de aulas de apoio. Tem vindo a promover um acompanhamento constante que conduz os alunos a uma integração plena nas várias disciplinas e a divulgar as tradições e costumes de todas as culturas presentes na escola, promovendo deste modo, não só o enriquecimento cultural mas também o respeito pelas diferenças de cada povo.

Tive turmas onde um elevado número de alunos não tinha Português como Língua Materna, desde alunos russos, a moldavos, a ucranianos, a paquistaneses, a cabo-verdianos, a guineenses, a indianos, a brasileiros, a belgas, a suecos e a chineses. Posso dizer que tive a sorte de descobrir um extraordinário leque de culturas. Se por um lado foi difícil trabalhar com este grupo de alunos que exigiam do professor uma constante reformulação de novas práticas de ensino, uma vez que não dominavam as competências linguísticas necessárias para desenvolver uma aprendizagem adequada, por outro, a riqueza das várias culturas que cada aluno oferecia e a possibilidade de trocar conhecimentos, experiências e vivências, tornava cada encontro numa nova perspectiva de ensino. Entendo que a escola deve procurar encontrar a melhor forma de responder à crescente diversidade de alunos, deve estar aberta a novos desafios e tratar as diferenças de língua, costumes e religião, repensando a forma de acolher novos alunos. Deste modo, procurei inculcar o espírito de abertura a novas culturas e encontrar estratégias que permitissem trabalhar conteúdos transversais a todas elas, procurando sempre abordar aspectos culturais de modo a reforçar a origem de cada um.

Este ano lectivo, quando fui colocada, ainda que como estagiária, na Escola Secundária Quinta do Marquês, em Oeiras, a realidade com que me deparei era, sem dúvida, muito diferente da que tinha experimentado: trata-se de uma escola de excelência, com alunos assíduos, interessados e participativos. Com ambição e boas perspectivas de futuro, capazes de definir objectivos e empenhados em aprender e construir o seu próprio conhecimento. Alunos responsáveis e atentos que sabem ouvir e argumentar, capazes de criar e desenvolver actividades e projectos dinâmicos. Alunos

autónomos e decididos a conquistar o seu próprio sucesso que apostam na evolução do saber e que acreditam na verdadeira função da escola. Assim, este estágio motivou-me para pensar em novos desafios e fez-me acreditar que é possível ter alunos interessados e que reconhecem no papel do professor alguém que os ajuda a caminhar e a chegar mais longe. A exigência destes alunos veio dar-me ânimo para continuar a trabalhar e a evoluir, porque a escola de hoje exige uma actualização permanente dos professores e dos meios ao seu dispor. Apesar de sabermos que *“A formação de professores tem sido orientada para a criação de um perfil ideal de um profissional sabedor na sua área de especialidade³⁸”* já não é aceitável que hoje o professor apenas domine competências da sua área de formação: tem de estar consciente de que a transversalidade das várias áreas do saber é fundamental para o sucesso do ensino e aprendizagem dos seus alunos. Penso que *“Já ninguém espera que a formação obtida no início da carreira se mantenha útil durante mais de 30 anos de actividade profissional³⁹.”* O professor deve estar consciente que o ensino está em constante mudança e por isso é fundamental um forte investimento da sua parte, quer pessoal quer profissional. Assim, considero que deve apostar na actualização dos conteúdos, saber ouvir e observar as vivências do aluno e reinventar novas práticas de ensino de modo a nunca esgotar as várias possibilidades de ensinar e de aprender.

³⁸ Morão e Duarte, p. 58.

³⁹ Idem. p. 65.

Bibliografia

- A.A.V.V. (2007), *Actividades Lúdicas para la Clase de Español*. Madrid, SGEL
- ABRANTES, P. (COORD.) (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais para Línguas Estrangeiras*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Amor, Emília (2003), *Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologia*. Lisboa, Texto Editora.
- Balancho, Maria José (1992), *A Criatividade no Ensino do Português*. Lisboa, Texto Editora.
- Cabero, J (1995), *Educación y Medios de Comunicación en el contexto Iberoamericano*, Palos de la Frontera. Huelva, Universidad Internacional de Andalucía.
- Ceia, Carlos (1995), *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. Lisboa, Editorial Presença.
- Duarte, Inês e Paula Morão. (2006), *Ensino do Português para o Século XXI*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, Edições Colibri.
- Estrela, Maria Teresa. (1992), *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto, Porto Editora.
- Lavareda, Lina e Abreu, Maria João, (2007), *Técnicas de Análise Literária e Construção de Textos*. Lisboa, Sebenta Editora.
- Ministério da Educação (1997), *Programa e Organização Curricular de Espanhol para o 3º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Morgádez, Manuel del Pino, Moreira, M. e Meira, Suzana, (2008), *Español 1- Nivel Elemental*, Porto, Porto Editora.
- NOESIS, Revista trimestral, n.º 76, Janeiro / Março 2009.
- Postic, Marcel (1995), *Para uma Estratégica Pedagógica do Sucesso Escolar*. Porto, Porto Editora.
- Regulamento Interno da Escola Secundária Quinta do Marquês 2009/2010.

Textos electrónicos:

Flores, Paula Quadros e António, (2007), *Inovar na Educação: O Moodle no Processo de Ensino e Aprendizagem* em V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Instituto Superior de Engenharia do Porto

<http://www.nonio.uminho.pt/documentos/actas/actchal2007/047.pdf>

Llera, Jesús Beltrán, (2004), *Estrategias de Aprendizaje*, Universidad Complutense de Madrid.

<http://www.doredin.mec.es/documentos/008200430073.pdf>

Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas

http://cvc.cervantes.es/OBREF/marco/cvc_mer.pdf

Puiggròs, Núria Rajadell (2001) *Los procesos formativos en el aula: Estrategias de enseñanza- aprendizaje*, Facultad de pedagogía. Universidad de Barcelona.

http://www.upm.es/innovacion/cd/02_formacion/talleres/nuevas_met_eva/rajadell_articulo.pdf

Lourenço, O. (2005). “Piaget e Vygotsky: Muitas Semelhanças, Uma Diferença Crucial”, in *Psicologia da Educação: Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*, G. Miranda & S. Bahia (org.), Lisboa: Relógio d’Água Editores, p.52-71.

Ornelas, Marta, (2009) *Motivar e ensinar através da experimentação*.

<http://anae.biz/rae/wp-content/uploads/2009/06/motivar-ensinar-experimentar.pdf>,

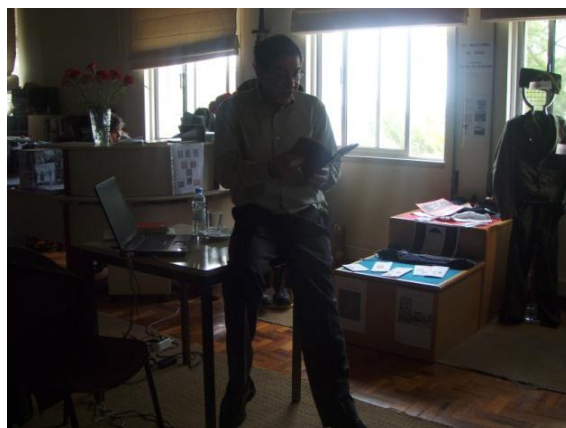
ANEXOS

Parâmetros de observação das aulas de Português

Assistências
Atitudes, valores e comportamento
Assiduidade
Pontualidade
Interesse pelas actividades propostas
Cooperação nas actividades da aula
Participação activa e espontânea
Sentido de responsabilidade
Cumprimento de regras
Relacionamento com os outros
Capacidade crítica e autonomia nas tarefas desempenhadas
Competências
Compreensão/ Expressão Oral
Captar ideias essenciais
Reconhecer as ideias expressas
Estabelecer relações lógicas
Produzir textos orais de diferentes tipos
Adequar o discurso à finalidade e à situação
Participar de forma construtiva em situações de comunicação relacionadas com a actividade
Qualidade da comunicação (postura, colocação da voz, capacidade de prender a atenção)
Compreensão/ Expressão Escrita
Capacidade de síntese e organização de conhecimentos
Redigir textos com finalidades diversas, respeitando a matriz discursiva
Expressar ideias e opiniões de forma fluente, estruturada e fundamentada
Leitura
Utilizar estratégias de leitura diversificadas
Interpretar textos escritos

Parâmetros de observação das aulas de Espanhol

Atitudes, valores e comportamento
Assiduidade
Pontualidade
Levam os materiais necessários para a sala de aula
Interesse pelas actividades propostas
Autonomia nas tarefas desempenhadas
Participam de forma pertinente
Terminam as tarefas no tempo previsto
Cumprimento de regras (entram e saem ordeiramente da sala de aula; dirigem-se correctamente à professora)
Relacionamento com os outros
Valorizam a Língua Espanhola e as vantagens que proporciona o seu conhecimento
Competências
Compreensão/ Expressão Oral
Compreensão de textos orais de natureza diversificada e adequada ao seu desenvolvimento linguístico
Pronunciam correctamente os enunciados
Estabelecem relações lógicas
Expressam ideias e opiniões de forma fluente
Produzem textos orais de diferentes tipos
Adequam o discurso à finalidade e à situação
Utilizam estratégias que permitam responder às suas necessidades de comunicação
Compreensão/ Expressão Escrita
Capacidade de síntese e organização de conhecimentos
Redigem textos de complexidade adequada ao seu desenvolvimento linguístico
Reconhecem palavras e expressões de uso frequente
Leitura
São capazes de ler textos curtos e simples
Interpretam textos escritos



Imagens da Escola Secundária Quinta do Marquês - Oeiras



PLANIFICAÇÃO DE 1 BLOCO DE 90 MINUTOS

SEQUÊNCIA: FREI LUÍS DE SOUSA ACTO III

Sumário: Início do estudo do Acto III de Frei Luís de Sousa. Leitura e análise das cenas I, II, III e IV. O conflito interior de Manuel de Sousa Coutinho.

COMPETÊNCIAS E OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ACTIVIDADES	Recursos	AVALIAÇÃO
<p>LEITURA</p> <p>- Leitura expressiva feita pelos alunos, com o objectivo de interiorizarem a mensagem do que lêem.</p> <p>COMPREENSÃO ORAL</p> <p>- Capacidade do aluno entender a leitura de forma clara.</p> <p>COMPREENSÃO / EXPRESSÃO ORAL</p> <p>- O aluno intervém com o seu comentário.</p>	<p>♦ Importância do Espaço e do Tempo</p> <p>♦ Caracterização da personagem</p> <p>♦ A linguagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - exclamativa; - emotiva; - repetitiva; - expressiva. 	<p>♦ Exposição oral e análise das cenas I, II, III e IV feita pelo professor.</p> <p>♦ Diálogo professor/alunos sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A importância da didascália inicial do Acto III. - O fechamento do espaço e sua simbologia. - O declínio das luzes, dando um tom sombrio e triste adequado ao destino das personagens. <p>Levantamento dos elementos trágicos.</p> <p>♦ Caracterização do estado de espírito de Manuel de Sousa Coutinho – dos sentimentos contraditórios à sua resignação como salvação do conflito.</p> <p>♦ A linguagem expressa o estado de alma em que Manuel de Sousa Coutinho se encontra. (reticências, repetições, evocações)</p>	<p>♦ Quadro e giz</p> <p>♦ Manual de 11º ano de Português <i>Antologia</i></p>	<p>♦ Observação directa.</p> <p>♦ Trabalhos para casa.</p> <p>♦ Ficha de trabalho.</p>

ANEXO 4



ANEXO 5



PLANIFICACIÓN DE UNA CLASE DE ELE

Tema a desarrollar: En la clase

Nivel (segundo el Marco Europeo Común de Referencia): A1

Destinatarios: Jóvenes de 12 a 13 años

Objetivos de la unidad:

El alumno será capaz de:

- Describir los objetos del ámbito de la clase
- Saber los colores.

Funciones comunicativas:

- Hacer descripciones de los objetos de la clase;
- Clasificar el léxico en las distintas categorías;
- Hacer diálogos entre los compañeros pidiendo materiales del aula;
- Relacionar entre los objetos y su utilidad.

Contenidos léxicos:

- Los colores;
- Objetos de la clase:
 - El bolígrafo;
 - La goma;
 - El cuaderno;
 - La pizarra;
 - El sacapuntas;
 - El libro.

Contenidos gramaticales:

- Artículos determinados e indeterminados;
- El plural de los nombres;
- Pronunciación y ortografía.

Contenidos culturales: Conocimiento del mundo hispano.

Materiales utilizados: Libro del alumno, Fichas, PowerPoint.

Actividades: La actividad consiste en describir los materiales del aula. Se ponen unas papeletas dentro de una caja donde se escriben los nombres de los varios materiales que se utilizan en el aula y cada alumno saca una papeleta y describe lo que le ha tocado, sin decir el nombre del objeto, los demás restantes compañeros tendrán que adivinarlo.

Distribución del tiempo: Esta unidad se hace en dos turnos de 45min en el primer turno después de dar los contenidos programados para esta clase los alumnos deben contestar a las preguntas hechas por el profesor y en el segundo turno se haría la actividad ¿Qué tiene la caja? propuesta por el profesor. Al final se escucha la canción *“Todas las cosas tienen su color.”*

En cada unidad didáctica se trabajan las cuatro destrezas básicas de la lengua:

- Comprensión oral
- Expresión oral
- Comprensión escrita
- Expresión escrita

Bibliografía:

Gramática elemental A1-A2. Ediciones ANAYA

<http://www.youtube.com/watch?v=X8zmJNky5H4>

Actividad: ¿Qué tiene la caja?

Objetivo:	<p>Describir los materiales del aula.</p> <p>Repasar el vocabulario.</p>
Actividad:	<p>Se ponen unas papeletas dentro de una caja donde se escriben los nombres de los varios materiales que se utilizan en el aula.</p> <p>Cada alumno saca una papeleta y describe lo que le ha tocado, sin decir el nombre del objeto, los demás compañeros tienen que adivinarlo. Ej. Sirve para pegar. (El pagamento)</p>

El bolígrafo

La goma

La pizarra

El borrador

El cuaderno

El sacapuntas

1. Pregunta a tu compañero cuánto cuestan las cosas de tu cartón que no tienen precio.

ALUNO A

 20€		 29,95€	
	 79,30€		 58€

ALUNO B

	 89,20€		 38,50€
 47,50€		 138€	

ADIVINANZAS




1. Es negra o blanca y sirve para escribir. (La Pizarra)
2. Tiene muchas hojas y puede ser de muchos colores. (El Libro)
3. Sirve para borrar la pizarra. (El Borrador)
4. Suele ser líquida y sirve para pegar. (El Pegamento)
5. Sirve para escribir y puede tener líneas o no. (El Cuaderno)
6. Sirve para escribir o diseñar y se puede borrar y es muy fácil de trasladar. (El
Lápiz)
7. Sirve para tirar los papeles. (La Papelera)
8. Sirven para colorir. (Los Lápices de color)
9. Sirve para hacer los cálculos muy rápido. (La Calculadora)
10. Sirve para medir. (La Regla)
11. Sirve para borrar el lápiz. (La Goma)
12. Sirve para sacar las puntas. (El Sacapuntas)

- Pregunta a tu compañero cuánto cuestan las prendas de tu cartón que no tienen precio.

ALUNO A

 42€		 38€	
	 24,80€		 48,70€

ALUNO B

	 82€		 29,30€
 95€		 25,50€	

¿Quién es la cantante de *Manos al Aire*?

- A. Shakira
- B. Jennifer López
- C. Nelly Furtado
- D. Juanes

¿Cuáles los colores de la bandera española?

- A. Rojo, amarillo y rojo
- B. Amarillo, rojo y amarillo
- C. Amarillo, rojo y azul
- D. Rojo, amarillo y blanco

¿Quién es el rey de España?

- A. Don Felipe I
- B. Don Juan Carlos
- C. Don Felipe II
- D. Don Juan Felipe

¿Cuál es la moneda de España?

- A. La libra
- B. La peseta
- C. El euro
- D. El dólar

¿Cuál es la capital de España?

- A. Barcelona
- B. Madrid
- C. Sevilla
- D. Valencia

Una peluquera es una persona que?

- A. Hace el pan
- B. Arregla los coches
- C. Corta el pelo a la gente.
- D. Enseña a los alumnos.

¿Cuál es el contrario de estrecho?

- A. Largo
- B. Ancho
- C. Extenso
- D. Grande

¿Quién es el entrenador del F. C. Barcelona?

- A. Manuel Luís Pellegrini
- B. José Luís Zapatero
- C. Pep Guardiola
- D. Quique Flores

¿Cuál es la traducción correcta para “giz”?

- A. Pizarra
- B. Bolígrafo
- C. Borrador
- D. Tiza

¿Quién es la hija de tu abuela?

- A. Es tu madre
- B. Es tu tía
- C. Es tu prima
- D. Es tu hermana

Escola Secundária Quinta do Marquês
Teste de Português -11º Ano

Lê atentamente o excerto que se segue:

«- Então o nosso Carlinhos não gosta de esperar, hem? Já se sabe, é ele quem governa... Mimos e mais mimos, naturalmente...

Mas o Teixeira, muito grave, muito sério, desiludiu o senhor administrador. Mimos e mais mimos, dizia Sua Senhoria? Coitadinho dele, que tinha sido educado com uma vara de ferro! Se ele fosse a contar ao Sr. Vilaça! Não tinha a criança cinco anos já dormia num quarto só, sem lamparina; e todas as manhãs, zás para dentro de uma tina de água fria, às vezes a gear lá fora... E outras barbaridades. Se não se soubesse a grande paixão do avô pela criança, havia de se dizer que a queria morta. Deus lhe perdoe, ele, Teixeira, chegara a pensá-lo ... Mas não, parece que era sistema inglês! Deixava-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar soalheiras, como um filho de caseiro. E depois o rigor com as comidas! Só a certas horas e de certas coisas... E às vezes a criancinha, com os olhos abertos, a aguar! Muita, muita dureza.

E o Teixeira acrescentou:

- Enfim era a vontade de Deus, saiu forte. Mas que nós aprovássemos a educação que tem levado, isso nunca aprovámos, nem eu, nem a Gertrudes.

Olhou outra vez o relógio, preso por uma fita negra sobre o colete branco, deu alguns passos lentos pelo quarto: depois, tomando de sobre a cama a sobrecasaca do procurador, foi-lhe passando a escova pela gola, de leve e por amabilidade, enquanto dizia, junto ao toucador onde o Vilaça acamava as duas longas repas sobre a calva:

Sabe Vossa Senhoria, apenas veio o mestre inglês, o que lhe ensinou? A remar! A remar, Sr. Vilaça, como um barqueiro! Sem contar o trapézio, e as habilidades de palhaço; eu nisso nem gosto ... Que eu sou o primeiro a dizê-lo: o Brown é boa pessoa, calado, asseado, excelente músico. Mas é o que eu tenho repetido à Gertrudes: pode ser muito bom para inglês, não é para ensinar um fidalgo português ... Não é. Vá Vossa Senhoria falar a esse respeito com a Sra. D. Ana Silveira...»

In Os Maias de Eça de Queirós

Grupo I

1. De entre as afirmações seguintes, escolhe aquela que melhor define o Realismo:
 - a) Corrente estética que surge na primeira metade do século dezanove e que vem manifestar-se contra o sentimentalismo piegas e exagerado do ultra romantismo.
 - b) Corrente estética que enaltece os hábitos e costumes da sociedade burguesa.
 - c) Corrente estética e filosófica que surge na segunda metade do século dezanove como reacção aos excessos do formalismo romântico e que vem analisar rigorosamente os pilares da sociedade portuguesa.
 - d) Corrente literária que vem valorizar a existência humana e os valores morais da época.
2. Em *Os Maias*, a personagem Carlos pode ser interpretado como:
 - a) Uma consequência da educação tradicional e do meio social em que cresceu.
 - b) Uma consequência da educação inglesa, do meio social em que cresceu e de factores hereditários.
 - c) Uma consequência da educação inglesa e de factores hereditários.
 - d) Apenas consequência de factores hereditários.
3. Confronta os dois tipos de educação ilustrados no capítulo III da obra, mostrando os teus conhecimentos sobre o assunto.
4. Como se explica que Afonso, “guardião dos valores à antiga portuguesa”, optasse por educar o seu neto à inglesa?

Grupo II

1. Há poucos dias atrás comemorou-se a Semana do Livro e da Leitura em todas as escolas do país. Ciente que estás da importância da leitura na vida de qualquer indivíduo, discorre sobre o assunto redigindo um texto balizado entre 140 a 160 palavras. Qualquer desvio aos parâmetros propostos implicará desvalorização da cotação da resposta.

INQUÉRITO

1 - Como classificas a utilização das TIC na sala de aula?

- Muito interessante ☐
- Interessante ☐
- Pouco Interessante ☐
- Nada Interessante ☐

2 - O uso das TIC no processo ensino-aprendizagem:

- Aumenta a minha motivação e autonomia. ☐
- Não me sinto mais motivado. ☐
- Não facilita o processo ensino e aprendizagem. ☐

3 - Os PowerPoint utilizados nas últimas aulas:

- Foram importantes para entender melhor a matéria. ☐
- Não me ajudaram ☐
- Prefiro a explicação do professor, sem recurso às TIC ☐

4 - Nas últimas aulas, o que achaste da explicação dos conteúdos dados pela professora:

- Explicou bem os conteúdos, por isso fiquei esclarecido. ☐
- Não explicou bem os conteúdos, por isso não fiquei esclarecido. ☐
- Deveria ter explicado mais vezes. ☐

5 - Achas necessário fazer actividades na aula logo a seguir aos conteúdos leccionados:

- Sim, acho importante para consolidar conhecimentos. ☐
- Não me parece importante. ☐
- Não é necessário ser logo a seguir aos conteúdos leccionados. ☐

6 – Como avalias as últimas aulas dadas pela professora?

OBRIGADA PELA TUA PARTICIPAÇÃO.



ESCOLA SECUNDÁRIA QUINTA DO MARQUÊS
ESPAÑOL 7º ano

Nombre:	Apellido(s):	Nº:	Clase:
Fecha:	Calificación:		
Profesora:	Enc. Educación:		

1. Lee el siguiente diálogo y di si las afirmaciones son verdaderas o falsas.

Es el regalo perfecto!



(Clara, Julia y Rafa, otro amigo, van a comprar un regalo a Juan. Mañana es su cumpleaños. Buscan el regalo perfecto, pero cada uno tiene sus propias ideas)

RAFAEL: ¡Vamos, chicas! Siempre estáis delante de algún escaparate. ¡Estoy muy cansado!

JULIA: ¡Ahora mismo vamos! Este vestido es precioso...

CLARA: Sí, pero para ti. Yo soy más bajita y nunca llevo vestidos largos.

RAFAEL: ¡Chicas!

CLARA: ¡Ahora mismo, Rafa! Este chico a veces es muy antipático, sobre todo cuando está aburrido.

JULIA: Mi hermano es igual. Es simpático, pero cuando está cansado...

CLARA: ¿Sí? ¿Y cómo es tu hermano? ¿Es guapo?

JULIA: ¡Clara! ¡Tiene veinte años!

CLARA: ¡Eh, que es solo una pregunta!

JULIA: No, no es muy guapo. Es rubio y tiene los ojos azules. Y además está muy gordo.

RAFAEL: ¡No puedo más! ¡Sois insoportables!

JULIA: Bueno, bueno, tranquilo. Ya vamos. Mira, acá hay un regalo perfecto para Juan.

RAFAEL: ¿Esta gorra? ¡Pero si es de chica!

CLARA: Yo creo que estos pantalones de deporte son geniales.

RAFAEL: Son muy caros.

CLARA: Entonces, ¿qué hacemos?

RAFAEL: ¡Ya lo tengo! ¡Un balón! Es el regalo perfecto.

CLARA: ¡Nooo! Todos los años igual...

(Editorial Edinumen)

a. Mañana es el cumpleaños de Juan.....

b. Cuando está aburrido, Juan es muy antipático.

c. Clara tiene un hermano mayor

d. Según Julia, el regalo perfecto para Juan es una gorra.

e. Según Clara, el regalo perfecto para Juan es un balón.

V	F
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

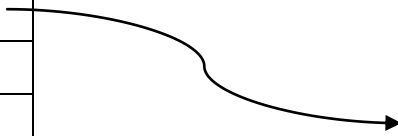
2. Rellena los espacios en blanco con: tan/como; menos/que; más/que; muy; más/de; menos/de.

- a) El avión es _____ rápido _____ el coche.
- b) Ir en bici es _____ cómodo _____ ir en tren.
- c) Mi casa es _____ grande _____ la tuya.
- d) Hoy es el día _____ feliz _____ mi vida.
- e) Mi trabajo es _____ difícil.

3. Completa las frases haciendo oraciones comparativas.

- a) Juan: 1,70 metros. Pedro: 1,80 metros. (alto)
Juan es _____ Pedro.
- b) Yo: 20 años. Mi hermano 23 años. (mayor)
Mi hermano es _____ yo.
- c) El chino es una lengua difícil. El japonés también. (difícil)
El chino es: _____ el japonés.
- d) La casa de mis padres: 80 metros cuadrados. Mi casa: 30 m². (grande)
Mi casa es _____ la de mis padres.
- e) El libro: 16,50€. El CD: 18€ (caro)
El libro _____ el CD.
- f) Enero: 31 días. Abril: 30 días. (días)
Enero tiene _____ Abril.

4. Une las columnas siguientes con los comparativos irregulares.

Pequeño		Peor
Grande		Mayor
Bueno		Menor
Malo		Mejor

5. Vocabulario. ¿Cómo se dice? Completa la siguiente tabla: ¡Ojo! No olvides el artículo.

Pon en portugués	Pon en español
La falda -	A t-shirt -
La corbata -	O cachecol -
Los guantes-	O fato -
El vestido-	O boné -
El bañador -	As calças de ganga -
Los pantalones-	O fato de treino -

6. Ordena los siguientes diálogos entre un dependiente y un cliente en una tienda de ropa.

DIÁLOGO 1

A: ¡Buenos días! ¿Qué desea?

B:

A: ¿De qué talla?

B:

A: ¿Le gusta ésta?

B:

A: Al fondo, a la derecha.

B:

A: Estamos en rebajas, son 80 €.

B:

1- Me queda bien, ¿cuánto vale?	2- De la 42.	3- ¡Hola!, quería una falda azul.
4- Sí, ¿dónde están los probadores?	5- Me la llevo.	

DIÁLOGO 2

A:

B: ¿Cómo los quiere?

A:

B: ¿Mire, Le gustan éstos?

A:

B: Por supuesto. Allí tiene los probadores.

A:

B: Pues, me quedan bien, ¿cuánto cuestan?

A:

B: Estupendo. Me los llevo.

1- Pues, anchos y negros.	2-¿Puedo probármelos?	3- ¡Buenos días! Quería unos pantalones.
4- Ahora se quedan en 77,90€.	5-¿Qué tal le quedan?	

¡Qué te vaya bien!_😊